

The background of the cover is a photograph of a man sitting on a wooden chair under a large, leafy tree. The man is wearing a hat and a jacket. The ground is covered with dry, yellowish grass, and the sky is blue with some clouds. The text is overlaid on a white rectangular box with rounded corners.

CADERNOS DO  
**SERTÃO**

Vol. 1 n. 1 2018

CADERNOS DO  
SERTÃO

Revista literária digital

## **UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA**

REITOR: Evandro do Nascimento Silva

VICE-REITORA: Norma Lúcia Fernandes de Almeida

### **DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES**

DIRETORA: Flávia Aninger de Barros Rocha

### **CELCEFAAM - CENTRO DE ESTUDOS EM LITERATURAS E CULTURAS FRANCO-AFRO-AMERICANAS**

COORDENADOR: Humberto de Oliveira

#### **Comitê de Leitura/Comité de Lecture:**

Abdelaziz Amraoui - Doutor (Université de Cadi Ayyad, Marrocos)  
Alain Vuillemin - Doutor - Professor emérito em Literatura Comparada (Université d'Artois, França)  
Alana Freitas El Fahl - Doutora (Universidade Estadual de Feira de Santana, Brasil)  
Ana Gutu - Doutora (Universidade Livre Independente de Moldova, Moldávia)  
Arthur Mukenge Ngoie - Doutor (Rhodes University, África do Sul)  
Cécile Dolesani - Doutora (Université de Yaoundé 1, Camarões)  
Cláudio Cledson Novaes - Doutor (Universidade Estadual de Feira de Santana, Brasil)  
Danielle Forget - Doutor (Université d'Ottawa, Canadá)  
Elena Prus - Doutora (Academia de Ciências de Moldávia, Moldávia)  
Évila Oliveira - Doutor (Universidade do Estado da Bahia, Brasil)  
Faustin Mvogo - Doutor (Université de Yaoundé 1, Camarões)  
Humberto Luiz Lima de Oliveira - Doutor (Universidade Estadual de Feira de Santana, Brasil)  
Igor Rossoni - Doutor (Universidade Federal da Bahia, Brasil)  
Karine Rouquet-Brutin - Doutor (Université Denis Diderot, França)  
Jacques d' Adesky - Doutor (PUC\UNESA, Brasil)  
Jean-Paul Biruru Rucinagiza - Doutor (Université de Lubumbashi, RDC)  
Leonor Lourenço de Abreu - Doutor (Université catholique de Louvain, Belgique)  
Malik Noël Ferdinand - Doutor (Université des Antilles et de la Guyane, França)  
Marcos Teixeira de Souza - Doutor (Universidade Estácio de Sá, Brasil)  
Marie-Rose Abomo-Maurin - Doutor (Université de Yaoundé1, Camarões)  
Mihaela Chapelan - Doutora em Letras (Université "Spiru Haret" de Bucarest, Romênia)  
Mohammad Ziar - Doutor em Letras (Université islamique de Teheran, Iran)  
Mohamed Mahiout - Doutor (Université de Cergy-Pontoise, França)  
Moufida Elbejaoui - Doutor (Université Mohammed V, Rabat, Marrocos)  
Pál Ferencz - Doutor (ELTE, Hungria)  
Patrick Imbert - Doutor (Université d'Ottawa, Canadá)  
Rémi Astruc - Doutor (Université de Cergy-Pontoise, França)  
Renata Jakubczuk - Doutor (Université Marie Curie-Sklodowska - Lublin, Polónia)  
Small Mahfouf - Doutor (Université Béjaia, Argélia)  
Vahid Nejar Mohammad - Doutor (Université de Tabriz, Iran)

#### **Editor/Editeur:**

Humberto de Oliveira

#### **Equipe Técnica/Équipe Technique:**

Humberto de Oliveira

Iago Gusmão Santiago

#### **Capa/Couverture:**

Iago Gusmão Santiago

**Periodicidade/Périodicité:** Semestral/Semestriel.

#### **Declaração de Direito Autoral**

Autores que publicam nesta revista concordam com o seguinte termo de compromisso:

Assumindo a criação original do texto proposto, declaro conceder à Pontes de Interrogação o direito de primeira publicação, licenciando-o sob a *Creative Commons Attribution License*, e permitindo sua reprodução em indexadores de conteúdo, bibliotecas virtuais e similares. Em contrapartida, disponho de autorização da revista para assumir contratos adicionais para distribuição não-exclusiva da versão do trabalho publicada, bem como permissão para publicar e distribuí-lo em repositórios ou páginas pessoais após o processo editorial, aumentando, com isso, seu impacto e citação.

escapar a esse binarismo que condena uma grande parte da humanidade à continuar dividida entre o «nós» ou os «outros».

Para fugir dessas oposições binárias, uma das soluções mais evidentes tem sido a abordagem comparativa que permite articular relações entre pontos aparentemente divergentes ou dessemelhantes a partir de um tema comum. No entanto, mesmo diante da convergência temática, em se tratando da diversidade de culturas e suas inúmeras e específicas línguas, é inegável o surgimento de fronteiras que poderiam impedir a comunicação, o trânsito, a interlocução.

Por isso nossa opção em utilizar a língua francesa como ferramenta, ponte para a aproximação entre as diferentes culturas do mundo. Claro que não avalizamos qualquer proposta de hegemonia cultural ou linguística, que reconhecemos que, durante muito tempo, as línguas de matriz europeia, notadamente o francês, o inglês, o espanhol, o alemão e o italiano tentaram abafar outras vozes em línguas e linguagens cuja diversidade não seria considerada ou respeitada.

No entanto, é inegável que o conhecimento de culturas as mais diversas e as mais ricas, de grande parte do globo, só se tornam conhecidas, só se tornam objeto de estudos e pesquisas no meio acadêmico, graças à língua francesa, seja como língua de comunicação, ou língua segunda de grande parte da intelligentsia africana tanto na África, quanto na chamada diáspora negra, assim como em grande parte do globo colonizado pela matriz francesa: do Oceano Índico ao Caribe, da Ásia ao Canadá, dos países do antigo Leste europeu à própria França, sem falar de grande parte da literatura produzida na Bélgica, no Luxemburgo ou na Ilha Reunião ou no Haiti, toda uma produção literária de inegável valor encontra-se acessível em língua francesa e se torna um manancial inesgotável para o pesquisador em Culturas e Literatura comparada que pode manejar a língua francesa como um instrumento, uma ferramenta de trabalho de valor inestimável, uma verdadeira senha de passagem para os portais instigantes das culturas estrangeiras.

Além do mais, especificamente em nosso caso, a UEFS, mantendo o curso de Letras com Francês com oferta regular dentre os seus cursos de graduação, e agora pensando na implantação de um curso de pós-graduação *lato sensu*, também contribui, anualmente, com a realização dos Seminários da Francofonia, Seminário Brasil-Canadá e o Colóquio Internacional de Estudos comparados para os quais ocorrem pesquisadores de grupos de pesquisa atuando tanto nas universidades francófonas da África e do Caribe, do Canadá, Europa, da própria Europa, da França e do Leste europeu. Muitos dos quais, aliás, emprestam seu talento e sua competência também para o desenvolvimento dos projetos de pesquisa desenvolvidos nesta UEFS.

Por isso, propomos a criação deste Centro de estudos em literaturas e culturas franco-afro-americanas (CELCFAAM) por acreditarmos que, ultrapassando as fronteiras linguísticas das várias nações envolvidas (Mali, Senegal, Costa do Marfim, Camarões, Madagascar, Marrocos, Argélia, Tunísia, dentre outros da própria África, Ilha Reunião ou no Haiti, toda uma produção literária de inegável valor encontra-se acessível em língua francesa e se torna um manancial inesgotável para o pesquisador em Culturas e Literatura comparada que pode manejar a língua francesa como um instrumento, uma ferramenta de trabalho de valor inestimável, uma verdadeira senha de passagem para os portais instigantes das culturas estrangeiras.

Em resumo, nós nos comprometemos com os seguintes OBJETIVOS:

- Criar as condições para a implantação de intercâmbios entre pesquisadores e escritores do Brasil e do estrangeiro;

## **RAZÕES DE SER DE UMA REVISTA BILINGUE INTITULADA *CADERNOS DO SERTÃO*, OU A CRIAÇÃO DO CELCFAAM, OU AINDA RAZÕES DA FRANCOFILIA.**

### **1. O CELCFAAM – CENTRO DE ESTUDOS EM LITERATURA E CULTURAS FRANCO-AFRO-AMERICANAS**

Este Centro de Estudos tem a intenção de reunir e congregar pesquisadores e pesquisadoras que se dedicam ao estudo das literaturas e das culturas contemporâneas de não importa qual lugar, não importa qual espaço, desde que esses estudos possam ser feitos em língua francesa ou através da língua francesa tomada enquanto ferramenta.

Claro que recusamos fazer a defesa de uma sorte de hegemonia cultural ou linguística que pudesse sugerir uma hierarquização das línguas no seio da qual a francesa fosse considerada como a “mais prestigiosa” ou “mais elaborada”. Mesmo que jamais possamos negar o fato de que durante muito tempo as línguas europeias, inclusive a francesa, tivessem tentado sufocar as línguas dos povos ditos não civilizados, não europeus e até mesmo daqueles que no próprio continente europeu, fora considerados não suficientemente “desenvolvidos” ou “civilizados”.

Por isso, preferimos falar aqui de **francofilia**, ao invés de **francofonia**. Observe-se que para a maior parte dos intelectuais brasileiros e até mesmo latino-americanos, a França foi um lugar privilegiado. De fato, ela seria apreendida como terra de acolhida diante das perseguições políticas, uma terra de asilo e de exílio. Dispensável dizer que a vida universitária brasileira é herdeira do modelo universitário proposto pela França, através da missão universitária francesa integrada por Claude Lévi-Strauss, Fernand Braudel, Roger Bastide... e que fundaria a primeira universidade brasileira, a USP.

Desta forma, graças à língua francesa, podemos pensar em estabelecer contatos, a manter diálogos produtivos com colegas da África subsaariana, das Antilhas e do Magreb, com os da América do norte francófona : Québec, Louisiana, inclusive, ou ainda com aqueles mais minoritários de Ontário, assim como os da Europa do Leste, e mais geralmente com todos e todas como nós mesmos, do Nordeste do Brasil, Baianos da América Latina, pois temos necessidade nos dizer de uma maneira toda nossa, sentimos necessidade de nos dizer, de nos narrar numa língua de grande circulação afim que nossas palavras possam ressoar além das fronteiras. E isto longe de ser uma hipótese menos estranha, temos necessidade de uma outra língua (e atrás dela de todas as línguas do mundo) para criar esta alteridade.

Contra um pensamento etnocêntrico que nos indica quase sempre a impossibilidade de encontrar um espaço intermediário entre duas noções sempre determinantes (ou A ou B), o que interdita qualquer possibilidade de escapar ao binarismo marcando este pensamento fundado sobre as ideias essencialistas de identidade, de alteridade e de cultura onde se ancora uma mentalidade incapaz de se abrir ao Outro, a urgência da formação de uma nova mentalidade torna-se incontornável para escapar a este binarismo que condena uma grande parte da humanidade a ficar dividida entre o “Nós” ou o “Outros”.

Por isso, contra um pensamento etnocêntrico que nos indica quase sempre a impossibilidade de se encontrar um espaço intermediário entre noções aparentemente sempre determinantes (ou A ou B), o que proibiria qualquer possibilidade de escapar ao binarismo de um pensamento fundado sobre ideias essencialistas de identidade, alteridade, cultura, ou ancorado numa mentalidade incapaz de se abrir ao Outro, a urgência da formação de uma nova mentalidade torna-se incontornável para poder

- Oferecer os meios para a divulgação da produção científica, artística e cultural do Brasil e do estrangeiro, em língua francesa;
- Incentivar a produção sobre a literatura comparada em língua francesa;
- Contribuir para a divulgação da literatura dita emergente da África ou da diáspora em língua francesa;
- Criar um banco de textos;
- Otimizar a democratização do acesso ao conhecimento de culturas estrangeiras;
- Estimular a criação de uma mentalidade ancorada numa cultura de paz.
- Democratizar o acesso ao conhecimento sobre culturas estrangeiras;

A primeira tarefa que se impõe é a reunião de um grupo de pesquisa em torno da errância, do exílio, do enraizamento sob duas abordagens:

- 1) Coletânea de contos e novelas que deverão ser publicados em duas línguas (francês-português);
- 2) Coletânea de artigos e ensaios também bilíngues com textos escritos pelos mesmos autores ou não.

Por isso, a criação desta ***Revista Cadernos do Sertão*** que terá a responsabilidade de difundir os textos dos grupos de pesquisa em torno do **CELCFAAM- Centro de Estudos em Literaturas e Culturas franco-afro-americanas.**

# LES RAISONS D'ÊTRE D'UNE REVUE BILINGUE INTITULÉE *CADERNOS DO SERTÃO*, OU LA CRÉATION DU CELCFAAM, OU ENCORE RAISONS DE LA FRANCOPHILIE

## 1 LE CELCFAAM – CENTRE D'ETUDES EN LITTÉRATURES ET CULTURES FRANCO-AFRO-AMÉRICAINES

Ce centre d'études a le projet de réunir et rassembler des chercheuses et des chercheurs qui se consacrent à l'étude des littératures et des cultures contemporaines de n'importe quel lieu, de n'importe quel espace, pourvu que ces études puissent être faites en langue française ou à travers la langue française prise comme outil.

Bien sûr, nous refusons les propos prônant une sorte d'hégémonie culturelle ou linguistique, laquelle pourrait suggérer une hiérarchisation des langues au sein de laquelle la langue française serait considérée comme la plus prestigieuse ou la plus élaborée. Nous ne nierons jamais le fait que pendant longtemps les langues européennes, langue française comprise, ont essayé d'étouffer les langues des peuples dits non-civilisés, non européens et même de ceux qui au sein du continent européen, étaient considérés non suffisamment « développés » ou « civilisés ».

Nous préférons ici parler de francophilie plutôt que de francophonie. Il est important de signaler que pour la grande majorité des intellectuels brésiliens et même latino- américains, la France a été un lieu privilégié, elle a été une terre d'accueil devant les persécutions politiques, une terre d'exil. Il va sans dire que la vie universitaire brésilienne est redevable au modèle d'université qui a été proposé par la France à travers la mission universitaire française intégrée par Claude Lévi-Strauss, Fernand Braudel, Roger Bastide...

De cette façon, grâce à la langue française, nous pouvons penser à établir des contacts, à maintenir des dialogues productifs avec nos collègues de l'Afrique sub-saharienne, de la Caraïbe, du Magreb, avec ceux de l'Amérique francophone (Louisiane comprise), ou ceux du Québec, ou ceux plus minoritaires encore de l'Ontario ainsi que ceux de l'Europe de l'Est, et plus généralement avec tous ceux tels que nous-mêmes, chercheurs du Nord-est du Brésil, Bahianais d'Amérique latine, car nous avons besoin de nous dire d'une façon toute nôtre, et nous éprouvons le besoin de le dire, de nous le dire dans une langue de grande circulation afin que nos paroles résonnent au-delà des frontières. Et ceci n'est pas une hypothèse moins étrange, nous avons besoin d'une autre langue (et derrière elle de toutes les langues du monde) pour créer cette altérité.

Contre une pensée ethnocentrique qui nous indique presque souvent l'impossibilité de trouver un espace intermédiaire entre deux notions toujours déterminantes (ou A ou B), ce qui interdit toute possibilité d'échapper au binarisme marquant cette pensée fondé sur les idées essentialistes d'identité, d'altérité et de culture où s'ancre une mentalité incapable de s'ouvrir à l'Autre, l'urgence de la formation d'une nouvelle mentalité devient incontournable pour échapper à ce binarisme qui condamne une grande partie de l'humanité à rester divisée entre le « nous » et les « autres ».

Pour essayer de fuir ces oppositions, l'une des solutions les plus évidentes, semble-t-il est celle que nous permet l'approche comparatiste qui rend possible l'articulation de points de repère, l'établissement de relations entre deux ou plusieurs éléments qui ne semblent pas toujours visibles ou évidentes. Enfin, nous comprenons que dans l'apparent chaos, dans ce qu'on appelle « crise », il existe d'innombrables potentialités de (re)créer, de (re)penser, (re)définir non seulement les objectifs mais

de rechercher et de trouver les sens même de l'existence et de nos projets les plus significatifs.

Cependant, même devant cette convergence thématique, s'agissant de la diversité des cultures et de leurs innombrables langues, la méconnaissance ou l'ignorance, ou même l'impossibilité réelle de comprendre et de connaître ces langues peuvent parfois se transformer en frontières difficiles à franchir. C'est pour cette raison que nous avons choisi la langue française en tant qu'outil privilégié pour établir des ponts entre les cultures les plus variées, les plus diverses, les sociétés humaines les plus lointaines et non moins riches qui ont pu être connues grâce à la langue française prise comme langue rendant possible la transmission d'autres cultures, comme la culture créole par exemple.

Pour ces raisons, nous envisageons la création de ce Centro de Estudos em Literaturas e Culturas Franco-Afro-Americanas- **CELCAFAAM** / Centre d'Études en Littératures et cultures franco- afro-américaines. Il va sans dire que nous croyons à la possibilité du dépassement des frontières linguistiques des sociétés en cause, nations construites de façon arbitraire par des puissances impériales: c'est le cas du Mali, du Congo, de la Côte d'Ivoire, du Cameroun, du Sénégal, du Togo, et de toutes les sociétés de l'Afrique, ainsi que celles des Amériques, de l'Océan Indien, des Caraïbes, ou de l'Europe, telles la Moldavie, la Roumanie, la Serbie, etc...

1 Ce Centre d'Études s'engage aussi à promouvoir:

1.1 la réalisation de séminaires, colloques, congrès et autres manifestations scientifiques dont les **SÉMINAIRES DE LA FRANCOPHONIE ET LES SÉMINAIRES BRÉSIL-CANADA D'ÉTUDES COMPARÉES** ainsi que le **COLLOQUE INTERNATIONAL D'ÉTUDES COMPARÉES**, manifestations scientifiques biannuelles.

1.2 **La création et diffusion** de la *Revue Cadernos do Sertão*, revue bilingue de **Littérature et critique culturelle** contemporaines dont la première tâche qui s'impose est de rassembler un groupe de recherche autour de la thématique de **l'errance, l'exil, l'enracinement** prise sous deux volets:

1.2.1 L'édition d'un recueil de contes et de nouvelles sur la même thématique écrits par les mêmes auteurs ou d'autres constituera le deuxième volet de cette recherche.

1.2.2 le premier sera constitué par des recueils d'essais qui devront être publiés en deux langues (français-portugais).

## **2 OBJECTIFS DU CELCAFAAM-Centre d'Études en Littératures et Cultures franco-afro-américaines**

1.1 Créer les conditions pour la mise en place d'échanges entre les chercheurs et les écrivains du Brésil et de l'étranger ;

1.2 Offrir les moyens pour la divulgation de la production scientifique, artistique et culturelle du Brésil et d'ailleurs ;

1.3 Encourager la production scientifique sur la littérature comparée en langue française

1.4 Contribuer à la divulgation de la littérature dite émergente de l'Afrique ou de la diaspora en langue française ;

1.5 Créer une banque de données ;

1.6 Optimiser la démocratisation de l'accès à la connaissance des cultures étrangères ;

1.7 Stimuler la création d'une nouvelle mentalité ancrée sur la création d'une culture de paix

## Sumário/ Table des matières

<b>Textos em Língua Portuguesa</b> .....	<b>11</b>
Apresentação (Humberto de Oliveira).....	12
O grito (Adna E. Couto).....	13
O mapa da cidade (Assis Freitas filho).....	15
Queridinhas do Haiti (Claire Varin) .....	17
A reinvenção do natal (Humberto de Oliveira) .....	21
Bachianas brasileiras (Julio Cesar Monteiro Martins) .....	26
Apátridas (Luciano Penelu).....	30
Bela, bela, bela (Sèverine Arnaud) .....	34
A Mal morrida (Zakaria Lingane) .....	36
<b>Textes en Langue Française</b> .....	<b>43</b>
Présentation (Humberto de Oliveira).....	44
Le cri (Adna E. Couto).....	45
Le plan de la ville (Assis Freitas filho).....	47
Chéries d’Haïti (Claire Varin) .....	49
La réinvention de Noël (Humberto de Oliveira) .....	53
Bachianas brésiliennes (Julio Cesar Monteiro Martins) .....	58
Apatrides (Luciano Penelu).....	62
L’esthétique, le sucre de canne et le sucre d’érable (Patrick Imbert).....	66
Belle, belle, belle (Sèverine Arnaud) .....	70
La Mauvaise trépassée (Zakaria Lingane) .....	72

# Apresentação

Humberto de Oliveira

---

Este primeiro número bilíngue da revista Cadernos do Sertão traz narrativas (contos e novelas) de autores de vários espaços lusófonos (Adna Couto, Assis Freitas Filho, Humberto de Oliveira, Júlio César Martins Monteiro, e Luciano Penelu) e francófonos (Claire Varin, Patrick Imbert, Sèverine Arnaud e Zakaria Lingane) cujos textos tratam, direta ou indiretamente, da errância, do exílio, logo da reconfiguração identitária.

Com a intermediação da tradução, este número da revista Cadernos do Sertão cumpre seu objetivo de contribuir para a difusão da literatura como ferramenta para o conhecimento de si mesmo, do outro e do mundo.

Nossos mais sinceros agradecimentos aos autores das ficções literárias e também aos tradutores (Ana Paula Ávila, Germano Pestana, Humberto de Oliveira e Sèverine Arnaud) que nos ofereceram sua competência e, de diferentes maneiras, contribuíram para esta experiência inovadora e audaciosa da difusão da literatura.

# O grito

Adna E. Couto

---

Adna Evangelista Couto dos Santos. Doutoranda em Letras (UFBA); Mestre em Literatura e Diversidade Cultural (UEFS). Especialista em Metodologia do Ensino Superior (FADBA); Graduada em Letras com Espanhol (UEFS).

Eram quatro da manhã, o alarme desesperado do meu celular, anunciava a hora de levantar, não que essa fosse a hora certa pra levantar, se é que existe uma hora certa pra alguém despertar, mas aquela era a minha hora e eu não podia fugir disso. Aquele som irritante entrava em meus ouvidos como um ditador me dizendo o que eu devia fazer. Escutava aquela musiquinha infernal todos os dias, mas naquele dia algo diferente acontecia dentro de mim. Um conflito entre obedecer a ordem de um objeto ou fazer valer meus próprios desejos.

Essa confusão mental passeava por muitos caminhos e questionamentos: porque eu? Dentre tantas pessoas no mundo, porque eu tinha que levantar naquele horário? Logo eu que já me sentia desterritorializado, sabe como é? Meio sem terra, sem raízes. Tive que sair de minha cidade natal muito jovem. Nasci num lugarzinho chamado Tanquinho, uma cidadezinha no sertão da Bahia.

As coisas começaram a ficar difíceis pra minha família e meus pais me incentivaram a tentar vida nova na capital, e assim eu fui, migrei pra um lugar completamente diferente das minhas origens. Por um lado, o ritmo frenético da cidade grande me envolveu e me fez feliz por alguns momentos, por outro lado, esse mesmo ritmo me escravizou. Me fez deixar para trás coisas que estavam entranhadas na minha alma, mas que com o tempo permitiram que outras raízes fossem surgindo. Não sei se fiquei um pouco sem identidade ou se construí uma nova. Só sei que fazendo juz a minha condição de ser humano... Me adaptei.

Mesmo que meus pensamentos me levassem a outro lugar, o som do despertador continuava a me incomodar. O horário que alguém levanta, fala muito sobre sua realidade e sua existência. Ah... O meu desejo interior, o que eu queria mesmo era acordar às oito da manhã, tomar um banho demorado e morno em um chuveiro bem forte, colocar uma roupa leve, ingerir um café da manhã maravilhoso olhando o mar da sacada de meu apartamento na Orla em Salvador, depois caminhar na praia, sentir a água salgada banhar meus pés e massageá-los, deitar na areia branca e olhar para o céu azul, enfim sonhar...

Êpa, acorda meu irmão, você não mora na Orla, o chuveiro da sua casa é frio e despeja apenas algumas gotas, você não vai à praia, vai trabalhar. O despertador já está tocando há um bom tempo, vai se atrasar e o seu chefe não vai gostar nada disso, e mais um detalhe: vai perder seu transporte, uma Kombe, diga-se de passagem, lotada, quente, sem nenhum conforto. Agora sim, estamos falando de você, ou melhor, de quem é você.

Impressionante, caro leitor, como um celular tocando, tão pequeno, pôde sacudir minha mente e minha alma daquela maneira. Aquela voz, supostamente da minha consciência, continuava a falar comigo... É Fabiano, você não pode fazer o que deseja, tem uma família pra sustentar, uma sociedade pra agradar. Será que minha existência se resume a isso? Não posso ser o que quero e sim o que preciso ser e o que desejam que eu seja?

Nesse instante epifânico, uma outra voz surge sorrateira... E agora Fabiano? O que vai fazer? Vá à praia seu bobo! Você está nesse emprego há 15 anos, nunca, faltou um dia. Você merece esse dia de folga. Ser despedido? Bom, essa possibilidade existe, mas a cama está tãoquentinha, fica um pouco mais. Você sempre pensou em todos: na sua família, no seu chefe, na sociedade... E você? Faltar um dia de trabalho pode gerar muitas conseqüências. Pôxa, mas ser demitido por uma falta... Isso é injustiça. Minha cabeça estava pra explodir, não sei se era por causa das vozes de minha consciência ou por causa do despertador que quase não tinha mais voz para gritar.

– Cheeega! – Gritei.

Sou dono de mim, preciso tomar uma decisão. Já sei! Busquei forças interiores, levantei, olhei no espelho e falei bem alto:

– Vou à praia!

O momento era de libertação, me empolguei tanto que não tive noção do quão alto falei. Minha esposa que já fazia o café na cozinha, gritou de lá:

– Vai aonde? Você vai se atrasar, o motorista da Kombi já está buzinando há bastante tempo, o que há com você? Está sonhando? Você nunca se atrasa!

A imagem no espelho se desfez, se desmoronou como um estilhaço. Como num passe de mágica, vesti minha roupa e saí correndo para não perder o transporte que me levaria de volta ao meu mundo.

– Tchau amor! À noite nos veremos!

Trabalhei o dia todo e à noite voltei pra casa como fazia todos os dias. Voltei pra realidade. Pra realidade? É... Talvez, talvez...

# O mapa da cidade

Assis Freitas filho

---

José de Assis Freitas Filho é poeta, escritor, sociólogo e mestre em Letras (UFBA), nasceu e mora na cidade de Feira de Santana (Ba). Tem poemas e narrativas publicadas em diversos jornais de circulação estadual e municipal. Possui três livros de contos editados: *O Mapa da Cidade* (1998), *O Ulisses no supermercado* (2009) e *O ano que Fidel foi excomungado* (2012). Como poeta participou de diversos números da *Revista Hera* (1972-2005), disponibilizada em edição fac-similar pela Editora Uefs (Universidade Estadual de Feira de Santana) em parceria com fundação Pedro Calmon (Salvador-Ba). Possui poemas na agenda Livro da Tribo. Lançou em janeiro de 2013 o livro *Poemas de urgência para súbitos desalinhos* pela Editora Multifoco. Edita os blogs [arvoredapoesia.blogspot.com](http://arvoredapoesia.blogspot.com) e [mileumpoemas.blogspot.com](http://mileumpoemas.blogspot.com).

“Olho o mapa da cidade como quem examinasse a anatomia de um corpo...”

Mário Quintana

Outro dia perguntei ao Augusto, que costumava andar pela cidade, como ia o seu romance. Respondeu-me evasivamente:

– Vai bem, bem. Talvez...

Augusto nunca tem muito tempo para conversa. Andarilho que é. Aprendi com ele esse gosto de olhar cidades. Já vivi muitas. Cidades de vidro, emblemáticas. Mas esta tem um fascínio especial, o de sempre me perder. Não quando caminho por ruas que parecem sempre as mesmas, com asfalto e paralelepípedo. Edifícios e casas. Luzes e escuridão. Tumulto e silêncio.

O meu perder-se é uma recordação. Uma melancolia que fica suspensa no ar, como a poluição de São Paulo. Borges disse que publicava livros para se livrar dos rascunhos. Mas eu que não publico livros, tenho apenas rascunhos de vida. E desses não há como se livrar.

Nesses rascunhos estão muitas cidades. Mapas que recortam a América, a Europa, o Oriente. Invisíveis caminhos que parecem brotar de todas as partes. Sugestões de risco. Bússolas que indicam o oriente-se. Lembro que certa vez perguntei ao Augusto se o homem na multidão que ele procurava possuía barba.

– Que importância tem. Se não tiver a gente põe. – Berrou.

A grande arte de Augusto. As respostas inesperadas. Como eu, ainda não se livrou dos rascunhos que o perseguem.

Daqui de onde estou escuto as vozes. Agora soam como música. O homem de barba continua lá. As paredes que caíram dão-lhe uma moldura especial. Parece ostentar o mesmo sorriso de antes. “Na minha vida de retinas tão fatigadas...”

Estou parado. Mas a rua vem ao meu encontro. É sempre assim quando chego. Nunca perguntei ao Augusto sobre essa sensação. Talvez o pavor da resposta me atemorize. Como me atemorizam muitas coisas nessa estranha cidade, inclusive o seu fascínio.

Penso em dar meia volta e partir mais uma vez. Navegar por outros mares, talvez a Índia ou China. Augusto é menos volúvel. Ele ama a sua cidade e quer mapeá-la. Tenho apenas fascínio, o fascínio de me perder que só é possível aqui. A pedra no meio do caminho.

O número que a parede ostentava deve ter-se perdido. Ou será que está secretamente escondido. O homem de barba tinha dessas. Os números causavam-lhe grande atração. Era centena ou milhar?

Uma ocasião chegou um homem grande e me presenteou com um livro. Em troca recitei-lhe um poema de Vinícius. Ficamos amigos na distância. O homem grande também é um andarilho. Mas ele procura tesouros. Sem saber deixou-me com um.

Ou terá sido proposital? Acho que o homem grande é um aventureiro da procura, por isso não encerra nunca sua busca.

Augusto já deve ter cruzado com o homem grande nas suas andanças de cidade em cidade. Quem sabe Augusto não o coloca em seu romance. O homem grande deve ter muitas histórias. O diabo é que Augusto não deixa ninguém ter acesso aos seus rascunhos. Não sei se o homem grande caberia no romance.

A chuva cessou repentina como veio. Parece que estamos perto da primavera. Mas algarobas não dão flores e não são boa orientação. Prefiro os climas temperados e suas estações definidas. Aqui na cidade tudo é meio termo, meio ermo, meio de caminho. Não consigo achar graça nesse fascínio que me fascina. Marco Pólo inventou cidades com uma lógica incrível. Aqui o clima não tem lógica, o fascínio não tem lógica. Os números não têm lógica. A aritmética é uma hipótese de sensações.

O homem de barba já deve ter-se ido. As suas aparições são repentinas como a chuva. Augusto, tenho certeza, não o colocaria no romance. Talvez indicasse o bar no mapa da cidade se eu o pedisse. Mas não é necessário. Todos sabem o lugar. E sabem que o homem de barba estará nos esperando.

# Queridinhas do Haiti

Claire Varin

---

Claire Varin defendeu uma tese de doutorado sobre Clarice Lispector e publicou quatro obras inspiradas no Brasil: *Clarice Lispector. Rencontres brésiliennes* (editado pela Trois, em Laval, 1987), livro de entrevistas e documentos diversos, reeditado pela Triptyque (Montreal), em 2007; um ensaio sobre a romancista sul-americana intitulado *Langues de feu* (1990, esgotado), traduzido no Brasil em 2002 com o título *Línguas de Fogo* (Limiar, São Paulo), além da narrativa *Profession: Indien* (1996) e do romance *Clair-Obscur à Rio* (1998). Publicou também uma coletânea de contos *Le Carnaval des fêtes* (2003). Seu último romance, *La Mort de Peter Pan*, sairá pela editora Québec Amérique, em Fevereiro de 2009. Vários de seus poemas, contos e ensaios foram publicados em revistas, tanto no Canadá quanto no exterior (traduzidos em espanhol, italiano, português e romeno). Recebeu em 2002, o Prêmio da Sociedade dos escritores canadenses por seu romance *Désert désir* (2001) e o Prêmio da Criação artística do Conselho das Artes e Letras do Quebec. Claire Varin é fundadora da “Fondation lavalloise des lettres” e membro honorário da “Société littéraire de Laval”.

De ombros caídos, a babá haitiana abraçava com seu olhar úmido a pequenina nos seus braços. Para tirar a foto, levantou os olhos cheios d’água e olhou para a objetiva, sem largar a algema tomada por suas mãos desde a chegada no aeroporto de Porto-Príncipe. A babá já não tinha mais voz, mas derramava lágrimas incensadas. Anne, o bebê dos punhos cerrados, iria deixá-la em alguns minutos, ao mesmo tempo em que Françoise, a garotinha de cinco anos colada nela e vestidinha com uma camiseta rosa de colarinho.

À direita, sentada no banco do hall de espera, a empregada do serviço de adoção tinha a pele e o sorriso resplandecentes. Bem bochechuda e parecendo tão otimista quanto seu pulôver de algodão branco de bolinhas cor turquesa, ela segurava nas mãos dois grandes envelopes nos quais se destacava o nome de cada criança em letras maiúsculas:

ANNE TRÉPANIER

FRANÇOISE CLICHE

Almejando posar para a posteridade, as turistas se meteram cada uma a seu tempo, em pé, atrás do quarteto de nativas. Diane e Denise sentiam um pouco de vergonha por insistir no infortúnio alheio, querendo immortalizar o momento que se agregava ao conjunto de suas lembranças da viagem para o Haiti, hospedadas pelo irmão conselheiro de imigração. Interceptadas dias antes para servir afavelmente de passantes, as irmãs, solteironas endurecidas pelo tempo, transportavam, todavia, pacotes regulamentados: euforizantes, a droga do amor destinada a casais da Beauce<sup>1</sup> em mal de procriação.

---

<sup>1</sup> Região ao sul da cidade de Quebec, no Canadá (NdT).

Os alto-falantes anunciaram a última chamada antes da partida para Montreal e o núcleo feminino teve que se desfazer. Françoise chorava em silêncio. Uma das alças do seu macacão vermelho tinha caído, diagonal rebelde, sobre seu braço docilmente colado ao seu corpo. Suas quatro tranças crespas e arqueadas se imobilizavam por pares de cada lado da cabeça. Várias fitas rubis realçavam a geometria negra, tecidos festivos cujo caracter alegre contrastava com o rosto grave de Françoise e as grossas lágrimas lentas que pingavam sobre suas bochechas cor de café torrado. A babá enxugava as lágrimas enquanto o bebê Anne dormia. Quanto às irmãs viajantes, tomadas rapidamente pela intensidade do ambiente, esfregavam o canto do olho e fungavam. Elas visivelmente faziam esforço para contrabandear o excesso de emoção que lhes inchava as maçãs do rosto. A mais velha, Diane, se ocupou de Anne e Denise tomou a mão de Françoise, que logo se refugiou calorosamente contra esse substituto materno de olhar meigo. Ela podia confiar nessa senhora tão branca, de grandes olhos úmidos que, entretanto, não falava como a babá nem como nenhuma outra pessoa que ela já conheceria. Com força, seus dedos minúsculos apertados uns contra os outros, ela cercava a mão de Denise. Sua palma se cobria de suor frio.

O que dizer à Françoise? Como confortá-la? Quais palavras usar? Em que língua? *Ba moin en ti bo doudou* era a única frase em crioulo pronta na memória de Denise. *Dê-me um beijinho, querido*. O fragmento maroto dessa canção das Antilhas mostrava-se, dadas as circunstâncias, bem inoportuno apesar de seu amor pueril e materno pela pequeninha. Suas palmas juntas recebendo o suor das mãos de Françoise, o casal atravessou a aduana sem olhar para trás. Era preciso andar sempre para frente, tal um trem. Diane seguia-as com o bebê deitado sobre uma toalha no compartimento superior do carrinho de bagagens.

As coisas se complicaram na hora de renunciar ao carrinho para tomar o rumo do avião segurando as malas, as garrafas de Barbancourt e as crianças. “Mas como é que a gente vai carregar o rum?” se inquietou Diane. “Pegue as meninas, eu fico com o resto”, cortou a mais nova largando a mão de Françoise da sua. Diane levou a algema em direção da manga da sua blusa e mandou a pequena agarrar-se a ela. As alças de suas malas de viagem passadas sobre os ombros, Denise tomou de cada mão uma caixa de cinco garrafas de rum sete estrelas. O momento era decisivo. Com os músculos branquiais apertados, ela avançava de um passo ousado em direção da aeronave, a silhueta esticada como um cosmonauta em missão. A irmã mais velha apertava o passo, o bebê contra seu peito e a pequeninha pendurada na sua roupa.

No Boeing 747, Françoise se sentou perto de um sócio de sua babá, uma senhora rechonchuda que logo começou a lhe fazer perguntas em crioulo. Depois de emitir algumas onomatopéias como resposta e momentaneamente tranqüilizada sobre seu destino, Françoise continuou a esquivar-se discretamente frente a sua fortuna: o caderno para colorir e os três lápis de cor que a aeromoça tinha oferecido logo na entrada no avião. Junto com o canudo e os utensílios de plástico usados na refeição, eram esses seus únicos bens sobre essa terra que ela sobrevoava com uma dignidade agitada. Françoise não só tocava tudo com seus olhos negros esbugalhados, seus dedos também espreitavam o que encontravam. Ela sentia grande prazer em apertar todos os botões do braço de seu assento e em puxar o bolso do banco da frente para enchê-lo e esvaziá-lo imediatamente depois com seus novos brinquedos.

Denise paparicava-a com os olhos, subindo de vez em quando a alça do seu macacão, que não parava de deslizar pelo seu braço.

Quanto à Anne, ela permaneceria quieta durante toda a travessia. Sem que soubesse, ela tinha à disposição uma garrafa de leite, uma fralda e uma camisola para troca, coisas cuja posse que sua companheira de jogo na partida da vida não podia se vangloriar de ter. Ao contrário, Françoise levava consigo uma história mais dramática que a do bebê. Foi exatamente o constato das passantes depois de terem aberto os envelopes que continham os papéis de adoção. Se, por um lado, o bebê tinha sido abandonado pela genitora no dia seguinte do seu nascimento; por outro, a garotinha tinha visto sua mãe morrer de enfisema pulmonar seis meses depois da morte de seu pai, pescador, no mar, e sua irmã tinha *morrido de tristeza*, como indicava pateticamente o documento oficial haitiano. Incapaz de prover às necessidades essenciais de sua neta, a avó havia então oferecido Françoise para a creche onde ela vivia já há um ano, quando foi escolhida como candidata ao exílio nórdico no interior do Quebec.

Com o joelho dobrado no corredor estreito, as turistas se fotografaram, cada qual a seu tempo, com sua protegida. No momento do clique, era Denise quem parecia uma órfã, com sua cara ossuda, seus olhos estalados e com olheiras oriundas do despertar na alvorada. A criança do rosto redondo e liso colocou, com apatia, bem apoiada contra as costas de seu assento, uma mão rechonchuda dobrada sob seu queixo. Um apoio para cabeça com desenho exótico a envolvia. Um papagaio azul e amarelo parecia estar empoleirado sobre a pequenina nascida na Pérola das Antilhas desde muito desgastada por uma miséria acinzentada. Françoise parecia se soltar perto de Denise, sua protetora que, de sua parte, soltava longos suspiros irrequietos.

Em Mirabel, elas ficaram plantadas no serviço de imigração, com os pais adotivos ocupados com as últimas formalidades de praxe. Ao final de uma hora de espera, elas viram dois casais entrarem com um estrondo na sala, como um temporal, seus corpos atirados à frente. Vendo os desconhecidos que se precipitaram em sua direção, Françoise deixou correrem outras lágrimas silenciosas encolhendo-se sobre sua companheira de viagem. Já sentia ela outra ruptura.

Sua futura enésima mãe, vinda de Saint-Joseph-de-Beauce, deu-lhe alguns beijos atrapalhados nas bochechas, depois a abraçou. Françoise era inundada de palavras carinhosas enquanto sua nova mãe a segurava nos seus braços. Um pouco atrás do casal que há pouco havia se formado, o marido agricultor engolia sua saliva, com os olhos tomados de lágrimas. A cena quase fez transbordar o coração de Denise, que não sabia como segurar os soluços. Ela se levantou rápido para sair desse turbilhão de emoções, sem para tanto abandonar a órfã que guardava os olhos baixos, suas mãos sobre a barriga. A aflição de Françoise a transtornava. Como era preciso entregar à nova mãe os documentos da criança, ela transformou seu mal-estar em paciência e continuou sua observação forçada. A mãe, uma professora de escola, revelou à Françoise a existência de um irmãozinho muito parecido a ela e que vinha do mesmo país; ele estava esperando-a, ele já a amava, estava pertinho, do outro lado das portas, com a nova avó. Que também a esperava e já a amava. *E também, tudo está branco lá fora, é tão bonito, você vai ver, é o inverno, a neve cai do céu em grandes flocos, e você não conhece isso, o inverno, faz um pouco frio, é diferente de onde você veio, mas tem tanta coisa pra fazer no*

*inverno, é divertido, você vai poder patinar no gelo, sobre a água congelada de um lago, você vai poder esquiar, você ainda não sabe o que é isso, mais a gente vai fazer você provar tudo, tem tanta coisa pra descobrir, surpresas... a gente te ama e a gente estava te esperando e a gente está tão feliz de te ver, e também você vai ter uma linda piscina onde você vai poder tomar banho no verão, nadar, pular, e gatos e um cachorro, é a tua casa, tua nova casa, você vai ter um quarto só pra você, teu irmão está te esperando, ele está apressado pra te encontrar e a tua vovó também e a gente está tão feliz que você tenha chegado...*

Françoise não entendia nada do que a mulher lhe cochichava de maneira persuasiva. Mas esse calor vindo em sua direção, essa incandescência, terminaram por atizar sua curiosidade. Ela levantou as pálpebras em direção da fonte de luz e, então, a mãe e a filha se comunicaram através dos olhos. Elas se contemplavam. O mundo em volta tinha desaparecido enquanto elas se ofereciam uma à outra, parecendo ter esquecido completamente a presença de Denise. Ela, por sua vez, invejava o amor que nascia e, a alguns passos de distância, oscilava, presa de um novo sentimento de abandono: ela já não mais existia para Françoise. Denise foi em direção ao pai ainda emocionado e mudo, e lhe entregou o envelope que continha agora, além do resumo das amarguras de Françoise, um caderno de colorir, três lápis de cor, um canudo, utensílios de plástico e sachês de açúcar. Em seguida Denise se afastou, virando as costas para o triângulo familiar cuja formação ela havia contribuído a selar. Ela deveria esperar novamente, visto que sua irmã ainda não havia terminado com os pais adotivos de Anne. Parada o mais longe possível desse foco de emoções, abrigada dessas areias movediças, ela aproveitou para, enfim, desafogar algumas lágrimas quentes que lhe escorreram pela ponta do nariz já rugido.

Não longe de lá, com os traços desgastados pelo choro sob sua franja, Diane apresentava ao casal de Sainte-Marie o bebê deles, que dormia nos seus braços. Quieto sobre suas pernas em ângulo, o queixo no babador, Anne nada via... Incrédulos e realizados, os cônjuges contemplavam o querubim das Ilhas, com seu tez dourado, os raros cabelos negros cacheados, que iria a partir de então alegrar seus dias e noites. Inclinação sobre Anne, eles tomavam nota de seus menores gestos e bramidos ainda em produção, o corpo projetado em cima desse pretexto vivente de ternura manifestada. O pretexto vivente de ternura manifestada insistia em não levantar as pálpebras para assim expor a cor de suas íris ao papai e à mamãe, maravilhados.

Lacrimajantes, as irmãs tomaram a fila atrás dos viajantes de pele cor de ébano, os quais teriam suas malas dilaceradas, depois esvaziadas dos produtos alimentícios proibidos de trânsito no Canadá. As honestas passantes foram esquadrihadas da cabeça aos pés mesmo depois de ter declarado de forma bem clara suas dez garrafas de rum \*\*\*\*\*. Na saída do aeroporto elas encontraram neve, ainda que estejamos no final de um inverno já bem cheio de nevascas. Envoltas pelos rostos alegres dos membros de sua nova família, Françoise se extasiava com os grandes cristais que salpicavam seu casaco novinho. Estrelas esbranquiçadas aterrissavam sobre as pálpebras do bebê Anne. Adormecida contra um coração acalorado, ela continuava a não ver nada acontecer. Nós estávamos às portas da Páscoa. Duas garotinhas ressuscitavam entre os flocos oferecidos abundantemente pelo céu para esse momento, como uma chuva de bênçãos.

# A reinvenção do natal

Humberto de Oliveira

Doutor em Literatura comparada, Humberto Luiz Lima de Oliveira é professor titular de Língua e Literatura francesas na Universidade Estadual de Feira de Santana (Brasil). Fundador do NEC (Núcleo de Estudos Canadenses da UEFS (1998); Vice-presidente da ABECAN – Associação Brasileira de Estudos Canadenses (2003-2007); fundador do CELCFAAM – Centro de Estudos em Literaturas e culturas franco-afro-americanas. Desde 2003, organiza o Seminário da Francofonia e o Seminário Brasil-Canadá de Estudos comparados na Universidade Estadual de Feira de Santana (Brasil).

Além de tradutor e contista, é também editor. Entre as obras organizadas (em colaboração): *Images de l'autre: lectures divergentes de l'altérité*, com Danielle Forget, 2001; *Vozes e imagens da alteridade* (2003), com Celina de Araújo Scheinowitz; *Haiti: 200 anos de distopias, diásporas e utopias americanas*, com Maximilien Laroche e Celina Scheinowitz (2004); *Pós-colonialismo: culturas e globalização em questão*, com Roberto Henrique Seidel (2008); *Traversées Brésil-Québec*, com Danielle Forget (2008); *Poéticas da alteridade*, com Maria-Rose Abomo-Maurin (2011); *Voix et Images de la diversité: que peut la littérature?* com Marie-Rose Abomo-Maurin et Mpala Lutebele, Maurice Amuri; *Terres d'exils, terres d'accueil: identités*, (l'Harmattan), com Abomo-Maurin e Mbarga.

Sua primeira coletânea de contos e novelas *Colheita insólita* foi publicada em 2003. É também o coordenador do projeto *Le Français à la portée de tous: ateliers motivationnels pour l'apprentissage du FLE* e editor de *Cadernos do Sertão* revista literária bilingue <http://revistacadernosdosertao.wordpress.com/> Suas últimas pesquisas referem-se à questão da identidade cultural, da exclusão/inclusão, e até mesmo à compaixão e convivialidade.

Era véspera de Natal e ela se angustiava diante da penúria em que viviam desde que a fábrica fechara e seu marido não contava mais com a regularidade do salário em cada fim de mês. Por que seria mesmo que ele perdera o emprego? Ela não queria acreditar nas palavras do pastor Adroaldo que insistia em afirmar que se devia à perda das graças divinas, o exercício demorado do poder do diabo sobre as almas humanas em pecado. Algo em seu coração a fazia ouvir com velada suspeita as palavras daquele homem esquelético, corda muito apertada de um instrumento dissonante aos seus ouvidos, sempre nervoso em seu desejo de parecer muito sensato, brandindo versículos e capítulos, misturando tempos, atravessando discursos e livros. Não era por ele ser magro, ou enfezado, que também nunca dera crédito ao seu antigo confessor, o padre Josué, de doces sorrisos e sermões suntuosos aos domingos. Ela sempre o olhara como a um livro aberto só que escrito em língua estrangeira. Era outro que não parecia perdoar as fraquezas da alma, muito menos aquelas do corpo, logo ele que devia trazer cortado bem rente todo broto por pequeno que fosse de algum desejo. Devia. Pois sim. Até que de repente a igreja amanhecera fechada. Trazendo sua avó para unir-se às outras Filhas de Maria, como faziam em cada manhã de terça-feira, deram com a cara na porta. E então ela conheceu naquele amanhecer o escândalo sussurrado com a velocidade possível daquelas línguas sempre ativas em bocas murchas. Pedacos de suspeitas, vozes que buscavam, com vigor, creditar ao diabo as maledicências que passeavam de ouvido a ouvido, deslizavam na saliva do jejum. O que acontecera mesmo? Segundo sua avó, o pobre padre

esquecera que o demônio podia disfarçar-se em crianças, ou, principalmente para quem carregaria dificuldades de ver-se no mundo, na forma mais apreciada pelo maligno: adolescentes ainda impúberes, em cuja carne o jejum demorado tende a contorcer-se, expandindo-se ante o olhar desviante, resvalando em formas apenas entrevistas, sob o manto esmagador da ignorância e do medo. Para ela, no entanto, que conhecia as alegrias da carne, o diabo, se existia, podia muito bem estar guardado em cada ser humano, esperando a hora propícia para manifestar-se, surpreendendo o indivíduo que devia atrapalhar-se consigo mesmo, tropeçando em suas próprias fragilidades escondidas, mas que bastava acender a luz para que todo o mal, qualquer mal, toda sombra se desfizesse como o medo na escuridão do quarto da infância. Quando ocorrerá? Quem jamais saberá, ao certo, o que ocorrerá, quanto mais quando? Ela percebeu sem susto, a imaginação ativada, recompondo com traços fortes o tênue desenho do não-dito, uma certa dissipação de qualquer surpresa, como se a notícia agora circulante apenas viesse jogar luz sobre uma vasta área de sua consciência até então encoberta, adormecida. Como se ela jamais pudesse ter confiado na excessiva dureza das palavras apontadas para os fiéis em cada sermão, lanças e espadas que empurravam ao fogo do inferno toda fraqueza humana. Desiludida com o padre que não se aguentara em sua carne enlouquecida, ela começara a frequentar um outro templo que se instalara nas vizinhanças, na garagem que ficara vazia, depois que os donos tiveram que vender o carro, para enfrentar os longos tempos depois do fim do seguro-desemprego. Por isso, tendo uma boa memória, ela se recusava a ver a demissão do marido como um castigo divino. Via o pastor Adroaldo portando as mesmas armas da intolerância e do medo, mirando com balas de fogo nos corações sedentos de algum refrigério, como o padre já o fizera. Como outros tantos pastores, esse também não tinha nenhum amor pelas almas famintas de compaixão que procuravam luz no conforto das palavras. Buscava apenas intimidar, amedrontar, dominar pela força. E ela se recusava a acreditar num Deus que pudesse punir tanta gente e dentre todos, também condenasse ao sofrimento aquele homem, o seu marido, cuja generosidade se derramava nos olhos cor de mel e nos cuidados que ele lhe dispensava, agradando sua alma e também o seu corpo de mulher exigente. Resolveu não mais voltar para ouvir as pregações do recém-convertido, que já comprara um novo automóvel e se preparava para mudar para uma casa mais espaçosa, num bairro menos pobre, graças, segundo ele, às bênçãos divinas reconquistadas, mas, segundo ela, graças aos dízimos dos crentes desempregados que cada vez mais se avolumavam em cada culto, buscando assegurar um lugar no céu.

Foi então que ela decidiu que seria ela própria a sacerdotisa de seu Deus e Senhor, uma divindade toda especial, cuja representação ela não encontrara em nenhuma das igrejas percorridas, pois não tinha rosto porque era muitos e sendo todos era um só, embora pudesse ter muitos nomes. Mas ela gostaria de saber por que seu homem ficara desempregado assim de repente, juntando-se à fila de outros amargurados nesse mundo que era dor, mas também alegria, prazer e agonia. E como a resposta não surgia em sua mente, talvez pelo sentimento de culpa por não estar frequentando igreja nenhuma, ela, que queria conversar com Deus, cada vez mais entoava preces e mantras. Enquanto não descobria as razões para essa travessia no deserto sem o anúncio prévio do merecido maná, ela resolvera buscar mediadores entre seu coração angustiado e o Criador que não queria colocar um emprego no caminho do seu

marido, ou, se já o fizera, fora com desígnios tão estranhos que escapavam à sua ignorância, impotente que era para reconhecer os sinais da ajuda divina. O certo é que o seu homem valoroso andava pelas ruas, gastando a sola do sapato já remendado nas velhas calçadas, por toda a cidade, vendendo apostas do jogo do bicho. Era dessa forma, parando na porta de cada casa ou ponto comercial, querendo tornar-se profeta, desvendando sonhos de contornos difusos, interpretando lembranças de requentadas memórias, era assim que ele estava conseguindo trazer algum dinheiro para evitar que a fome se instalasse de pernas cruzadas e braços abertos, na mesa de sua casa com três meses de aluguel atrasado. Ela trouxera para o quartinho dos fundos todas as imagens de fortes protetores. Yemanjá em sua nudez mal coberta pelos longos cabelos negros, parecidos aos seus e que, como Mãe que devia ser,- ela não estava bem certa disso-, entenderia sua aflição diante da insegurança de criar seus meninos, de vê-los educados e bem vestidos. Acrescentara também ao seu altar improvisado a imagem em louça do São Jorge montado em seu cavalo e cuja lança decerto mataria todo o mal que eventualmente pudesse ameaçar sua família. E não se esquecera de São Francisco de Assis, protetor dos pobres e oprimidos, como eles e seus vizinhos. E Nossa Senhora das Graças, divina mediadora, carregando o Menino Jesus, e a quem Deus dizia sim a todos os pedidos, era o que se falava. Cada uma dessas imagens ao lado da Bíblia Sagrada, em edição luxuosa, reluzente no dourado antigo. Mas nem todo bem, nem todo mal era conhecido dos cristãos, que o mundo era vasto e a humanidade diversa. Por isso, sabendo que entre os céus e a terra deveria haver mistérios insondáveis, ela acrescentou à sua legião de intercessores a imagem do Preto Velho, que tendo conhecido o horror da escravidão assim mesmo não se envenenara de ódio e que, meditando sobre as coisas da vida, enquanto fumava seu cachimbo, ensinava a vencer o orgulho, a inveja e a intolerância, sendo também capaz de escutar as vozes dos que já não estavam sobre a terra. E, completando a legião de apoiadores, ela trouxera, comprada na feira livre, depois de percorrer as barracas de artesanato, a imagem que lhe era tão cara: o Caboclo, o mais bravo representante do seu povo e da sua terra, a quem ela outorgaria, a partir daquele dia, a missão de ser seu mais querido conselheiro diante de assuntos aparentemente triviais, mas que, se não bem observados, poderiam provocar dores e quebrantos de toda a ordem. Desta forma, ela passara a conhecer e utilizar plantas e raízes, frutos e folhas para o trato de dores do corpo e da alma e também perturbações da mente. Por isso, cercada de mediadores, ela parecia ganhar um pouco mais de confiança a cada dia, recobrava forças e energias para enfrentar as incertezas que não cessavam com o anoitecer.

Nessa tarde de véspera de Natal, de olhos fechados e braços abertos, ela invocara todos os seus santos, sua legião de guardiões para intercederem junto a Deus. O Natal se aproximava e era preciso que um sopro de nova esperança reanimasse os corações de suas crianças, reforçando nelas a crença na renovação do amor na terra. Ela diria depois que fora nesse momento que ela se lembrou do vendedor que passara gritando por sua porta na última semana, fazendo com que ela quase deixasse queimar o feijão na panela. Ela tinha estremecido ao ouvir o vozeirão, tivera medo que fosse o dono da casa atrás do dinheiro do aluguel. Não era. Ela ouviria o que o homem dizia com um meio sorriso e abanando a cabeça três vezes, negando como Pedro. Por isso um rubor lhe queima a face. Respirando fundo, ela faz o sinal da cruz e sai de sua capela improvisada com uma resolução tomada. Carregando

o neném nos braços e a outra garotinha pela mão, de cabeça baixa ela atravessaria a Rua Direita, encontrando no silencioso olhar das mulheres um sentimento que ela jamais saberia ao certo se era compaixão ou raiva. Seguiu com passo firme, pensando-se protegida por suas crianças e por sua aliança na mão esquerda, mas achando longe demais o percurso. Somente quando chegou à Avenida Senhor dos Passos é que respirou menos agitada, embora seu coração sempre entontecido ainda palpitate. Pegando o cartão de visitas ela conferiu o número da casa. Tocou a campainha e agradeceu quando uma mulher de cabelos cortados bem curtos abriu a porta. Pensou estar correndo um risco demasiado grande ao entrar em contato com aquela gente de costumes tão diferentes dos seus. Achou estar pisando sobre uma ponte pênsil que balançava demasiadamente ao sopro forte do vento Leste. Sua honra de mulher casada não poderia estar em jogo? E, ela sabia, naquele momento, dos riscos que estava correndo. Mas sua decisão fora tomada, e ela estava ali. Para calar a voz da maledicência, trouxera consigo suas filhas, escudos vivos que lhe protegeriam no retorno, quando tivesse de atravessar de novo a rua das putas. Seriam seus anjos protetores, pois a uma Mãe com o filho nos braços até mesmo o mais bruto dos homens não deveria respeitar? Respirando fundo, tomada por uma segurança que ela não sabia ao certo de onde vinha nem por que, entrou no vasto salão cheio de espelhos, entregou Bárbara a Aninha que se olhava assustada ao ver-se refletida em tantos espelhos, embriagada também com tantos perfumes, e sentou-se na poltrona. De olhos fechados, ela aguardou que o homem se aproximasse e lhe tocasse a cabeça com mãos macias, escorregadias sobre seus cabelos, medindo madeixa por madeixa, analisando fio por fio, enquanto conversava em voz baixa com a outra mulher. E, contendo as lágrimas, mesmo sem olhar, tentou ainda pedir que não lhe deixasse a nuca exposta, ela que se achava completamente nua quando o marido, na noite morna de desejos, lhe levantava os cabelos para o beijo amoroso. A garota, trazendo a pequenininha enganchada nos quadris, aproximara-se dela perguntando tá chorando, Mãe? Enxugando na barra do vestido aquele pranto nervoso, ela sorriu com carinho para suas garotas dizendo que estava tudo bem, que se sentasse. A mulher lhe trouxe um copo d' água e sorria ao dizer, coitada, como é boba! Sofrer por tão pouco. Onde já se viu? Ela não disse nada e assistiu à devastação de seus cabelos, uma prenda que conservara, até então, orgulhosa de fazer inveja às outras mulheres, ao trazê-los escovados e brilhantes ao final de cada tarde, passeando de braços dados com seu marido. Ou simplesmente porque gostava de ver seu esposo esconder o rosto sob aquele manto enquanto lhe beijava os seios, encontrando em seu corpo, como ele lhe dizia, as merecidas férias que ele devia ter, o refrigério para o tórrido verão dos dias incertos. Ela se recusou a olhar o rosto do homem, quis ignorar a mão estendida num cumprimento polido, resmungou um obrigado sem ênfase e arrastou suas meninas. Carregando Bárbara apertada ao peito e segurando firme a mão de Aninha, deixou-as na casa de Maria Nina, que a olhava entre espantada e envaidecida da força daquela cunhada destemida. Voltou ao Centro e entrou nas lojas de brinquedos, depois na Confeitaria Aurora. Regateou com voz firme, mas não temeu pechinchar quase implorando, tornada cigana repentinamente, nos balcões das lojas. Na Padaria da Fé fez novas compras. Na Imperatriz comprou um par de sapatos novos para seu marido. O cansaço não era menor que sua alegria, que num crescendo tomava seu peito, embriagava sua alma. O entardecer chegara e ela se tomava de uma pungente emoção, sussurrava preces, entoava cânticos enquanto andava.

Ante o olhar assustado das suas vizinhas, ela sorria agora cheia de orgulho, quase arrogante em sua proeza, arrastando atrás de si um carrinho de compras empurrado por um carregador. Antes do Ângelus, toda cheia de contentamento, ela já trazia a mesa arrumada, uma árvore improvisada na sala de visitas, onde as imagens de seus Santos e Entidades cercavam um Menino Jesus entre vacas, ovelhas, jumento e camelos. Quando todos voltassem para casa, temerosos da pobreza, afrontados pela alegria consumista das famílias com mais dinheiro, ela podia já imaginar a cena habitual: Zorilda segurando as duas sobrinhas com medo de perdê-las, os meninos ficando adolescentes, todos voltando da escola, e seu marido retornando Deus sabe como, no fim de mais uma tarde, a fadiga ensombreado o moreno da face. Foi intuindo a expressão que teriam ao compreender seu gesto tresloucado que todo temor de ser censurada desaparecera do seu coração. Ela poderia olhar seu companheiro nos olhos, ciosa de ser compreendida. Certa de ser uma grande sacerdotisa e de estar conectada ao Criador, ela bendizia sua legião de intercessores e sentia-se também divinizada ao ver que, ao vender seus cabelos, ela garantia a esperança no coração de sua família, evitava que a sombra do ressentimento penetrasse em sua casa. Ela tinha acabado de reinventar o Natal.

# Bachianas brasileiras

Julio Cesar Monteiro Martins

Antes de falecer repentinamente, em 24 de dezembro de 2014, onde morava, na cidade de Lucca, Julio César nos mandou esta informação que gostaria de ver publicada e por isso conservamos integralmente “Julio Cesar Monteiro Martins, escritor, nasceu em Niterói, (Brasil), em 1955.

Publicou no Brasil os livros:

TORPALIUM (contos), 1977  
SABE QUEM DANÇOU? (contos), 1978  
ARTÉRIAS E BECOS (romance), 1978  
BÁRBARA (romance), 1979  
A OESTE DE NADA (contos), 1981  
AS FORÇAS DESARMADAS (contos), 1983  
O LIVRO DAS DIRETAS (ensaíos), 1984  
MUAMBA (contos), 1986  
O ESPAÇO IMAGINÁRIO (romance), 1988

Publicou na Itália em 1998 o livro IL PERCORSO DELL’IDEA (21 poemas em prosa, acompanhados de fotos de Enzo Ce), e teve as suas peças teatrais “L’ISTERIA DEL MARMO” e “IL GALLERIERE” montadas naquele país. No ano 2000 publicou “RACCONTI ITALIANI”, contos, Besa Editrice, Lecce, em 2003, “LA PASSIONE DEL VUOTO”, contos, em 2005, “MADRELINGUA”, romance, e “L’AMORE SCRITTO”, fragmentos narrativos e contos breves, pela mesma editora. Em 2002 participou junto com os escritores Antonio Tabucchi, Bernardo Bertolucci, Dario Fo, Erri de Luca e Gianni Vattimo, da obra coletiva “NON SIAMO IN VENDITA – voci contro il regime” (a cura di Stefania Scateni e Beppe Sebaste, prefazione di Furio Colombo, Arcana Libri / L’Unità, Roma).

Participou do International Writing Program da Universidade de Iowa, USA, em 1979, representando o Brasil. Da mesma Universidade recebeu o título de “Honorary Fellow in Writing”. Foi professor de Criação Literária em Narrativa no Goddard College (Vermont, USA), de 1979 a 1980, na Oficina Literária Afrânio Coutinho (Rio de Janeiro) de 1982 a 1989, no Instituto Camões (Lisboa) em 1994 e na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 1995.

Foi um dos fundadores do Partido Verde brasileiro, em 1986 e fez parte do grupo de organização das atividades paralelas da conferência mundial da ONU sobre desenvolvimento e meio-ambiente UNCED-92 (Rio-92). É um dos coordenadores do movimento de ecologia social Os Verdes.

Trabalhou de 1992 a 1994 como advogado para o Centro Brasileiro de Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente, promovendo a defesa dos “meninos de rua” do Rio de Janeiro e pressionando a Justiça brasileira para punir exemplarmente os seus assassinos.

Atualmente vive na Itália, é Leitor de Língua Portuguesa e ensina Tradução Literária na Faculdade de Letras da Universidade de Pisa, a partir de setembro de 1996, além de dirigir Laboratórios de Criação Literária em Narrativa e em Dramaturgia em Florença, Viareggio, Lucca e Pistoia.

É Diretor da Scuola Sagarana e da Rivista Sagarana, com sede em Lucca e filial em Pistóia, e o coordenador dos seminários sobre a “Letteratura Migrante Italiana”, promovidos anualmente pela Região Toscana, a partir de 2000.

Em 2011 foi publicado pela Libertà editrice um volume crítico dedicado à sua obra, “UM MARE COSÌ AMPIO – I Racconti-in.romanzo di Julio Monteiro Martins”, de Rosanna Morace. Em 2013 foi publicada a sua antologia di poesias “LA GRAZIA DI CASA MIA”, pela editora Rediviva, de Milão”.

– Cuidado com os trópicos, Gérard. Cuidado!

– Que nada. Vocês fantasiam muito. Eu adoro essas frutas coloridas, essas árvores imensas, esses matos tão verdes, com tantas plantas diferentes... É tão lindo, tão sensual... Eu gosto de sentir o sol forte na pele e, de noite, aquela brisa morna... Gosto de brincar com os macacos. Eles são divertidos... Parece que estão em toda parte nos observando... Gosto de passar a mão no pelo dos pequenos animais da floresta... Das pacas, das preguiças...

– Os macacos e os outros bichos trazem doenças que depois ninguém vai saber como curar... Encare a realidade, Gérard. O trópico está destruindo você. Olha só, você está sempre suado, sua camisa está sempre úmida, sua pele está macilenta, seu rosto está inchado...

– Eu não sinto muito isto que você está falando. Você se preocupa à toa...

– A paixão pelo trópico é uma velha conhecida minha. Eu conheço os seus efeitos. Ela está cegando você. Como um viciado, que na ânsia por mais droga, bloqueia na mente os danos físicos que está sofrendo. Trópico é vício, Gérard.

– Não sou viciado... Eu apenas me sinto mais feliz aqui...

– Então me diga: quando alguém que já não vê você há algum tempo, um ou dois anos, vem visitá-lo aqui nos trópicos, quando o vê, não dá um pulo para trás, leva as mãos ao rosto e grita apavorado: Gérard!? Não é assim?

– É, é assim mesmo... É engraçado...

– O que é que você acha que assusta tanto as pessoas?

– Já sei o que você vai dizer. A minha decadência física... Ou a degradação moral...

– O trópico é uma lepra. A “Maldição de Moctezuma” existe. Mas o “Eldorado dos Sentidos” que vocês procuram, esse não existe. Só a grande aranha peluda espera por você na sua teia. Entre as árvores. Você é apenas mais uma presa, será que não percebe? Você está em rápido declínio, em decomposição. Daqui a pouco você não será mais humano. A transformação já começou...

– Chega! Não quero mais ouvir as suas histórias... Está calor hoje, não está?

– Está quente e muito úmido. Deve cair uma tempestade mais tarde.

– Estou pensando em dar uma andada até a cachoeira. Mas eu deixei as botas em casa..

– Então é melhor deixar para outro dia...

– Não. Acho que vou assim mesmo.

– Vai pelo caminho de barro, pelo bananal... É menos perigoso...

– Não. A lama lá ainda está muito mole. Tem trechos que a perna entra no barro até o joelho. Por lá não vai dar. Vou pelo mato mesmo.

– Você não acha melhor a gente voltar agora? Você precisa consertar o teto da sua varanda que caiu. Antes que desabe o temporal.

– Não adianta. O madeirame está todo podre. O forro dentro da casa também está afundando. Vou ter que reformar tudo. Amanhã eu penso nisso. Agora eu vou à cachoeira.

– Eu sei que você não gosta que eu fale... Mas cuidado, Gérard. Cuida um pouco mais de você...

– Alô, Gérard?

– Alô, quem é?

– Gérard, é o Ivan. Lembra de mim? O Ivanzinho, Diretor das Faculdades Reunidas Geremário Couto...

– É muito cedo... Que horas são?

– Já passa da uma da tarde. Acorda, que eu preciso falar com você...

– Já estou acordado. Fala mais alto, que o telefone está uma merda.

– Olha, é o seguinte: Nós fechamos temporariamente a filial de Vassouras e a de Pedra Negra. Não vai ter mais o seu curso. Ouviu?

– Ouví. Tudo bem... Escuta! Passei ontem perto do prédio lá de Itacuçú. Aquele troço está em ruínas. A parede de fora desabou. Como é que você ainda pensa em reunir o pessoal lá? Não dá nem pra chegar lá direito. Está um matagal danado...

– Itacuçú já está fechado também. Vou providenciar outro lugar para reunir o pessoal... Olha, o seu cheque já está comigo. Mas só vai poder ser liberado no início do mês que vem, tá legal?

– Tudo bem... Ivanzinho, vem até aqui. Vamos tomar umas pingas e conversar... Traz aquelas duas, lembra? Traz aquela morena baixinha pra mim...

– A baixinha?...

– É, aquela do Pará, que me ensinou a dançar lambada... Aquilo é galinha que dá bom caldo...

– O negócio é o seguinte. Os ônibus estão todos em greve e eu estou sem carro. É melhor esperar acabar a greve...

– Não, toma um táxi que eu pago... Acorda a baixinha e diz pra ela que... Alô! Alô! Caiu a ligação... Merda! Deixa pra lá... Tudo bem...

– Ah, como eu gosto de ficar aqui na varanda depois do almoço, me abanando, ouvindo os passarinhos... Dá uma moleza... Essas plantas estão enormes... Aquela trepadeira ali eu plantei na semana passada. Ela já subiu, se enroscou nos fios do varal e já está crescendo pelas vigas da casa. Repare só que quanto mais ela sobe, maiores ficam as folhas...

– É, é bonito de ver... Mas essas trepadeiras são uma praga. Elas crescem rápido demais e depois fica difícil de cortar. Daqui a uns dias ela vai envolver a casa e não vai mais entrar luz. A planta abafa tudo, tira o ar da casa...

– Mas é tão bonita... Tão forte...

– Você vai ver... Essas trepadeiras arreventam tudo. Olha ali. Ela já está entrando pelo forro. Vai levantar as telhas e derrubá-las. Os galhos são fortes e avançam dois, até três palmos por noite. Se eu fosse você, pegava logo um facão e cortava essa planta fora...

– Quando ela crescer mais eu corto. Agora não...

– Quando crescer mais, você não vai conseguir cortar. Mas é problema seu...

– Quatro horas... Olha as minhas mãos... Já começou a danada da tremedeira. Toda tarde agora é isso. Por volta das quatro, quatro e meia, começa a crise, o corpo todo fica tremendo, suando frio, batendo os dentes... Lá pelas cinco e meia, passa tudo...

– Você tem que tratar disso com urgência, Gérard... Não pode deixar isso assim...

– Não, isso é normal. O corpo acostuma. Com o tempo, cura sozinha. Daqui a pouco, quando a tremedeira apertar, eu tomo uma cachacinha e dou um “chega pra lá” nela... À noite fica tudo uma beleza...

– Cachacinha, né?... Você vai dar o curso lá no Ivanzinho neste semestre?

– Que nada. Foi tudo cancelado. O Ivanzinho telefonou ontem. Eu já previa isso. Aquilo lá está caindo aos pedaços. Sabe, eu decidi que não vou mais lecionar por enquanto. Ando muito cansado pra ficar duas horas em pé, falando, nesse calor... O ventilador da sala de aula, além de fazer um barulho irritante, parece que só espalha o calor, joga ar quente no rosto da gente, resseca a boca, os olhos... Não vou mais dar aulas naquela espelunca, não. Chega...

– O que é que você vai fazer então?

– Não sei ainda. Um amigo meu, da Suíça, tinha me pedido que comprasse umas pedras semi-preciosas pra ele. Águas-marinhas, turmalinas e até safiras ou esmeraldas, se eu encontrasse por aqui. Acho que é isso que eu vou fazer... Me dá uma cigarrilha dessas? Essa febre está me deixando nervoso...

– Em Lavras do Espírito Santo você compra essas pedras quase de graça, aos punhados...

– Mas é muito difícil ir para aqueles lados agora. A estrada está horrível, já quase acabou... Soube que caiu uma barreira perto de Lombardina que deixou uma fila de mais de duzentos caminhões. Já tem duas semanas que eles estão empacados por lá...

– Bom, eu tenho umas pedras comigo. Se você quiser tentar vender para esse seu amigo...

– Ah, legal... Traz umas amanhã pra eu ver. Vou passar um telegrama pra ele, que os telefones agora enguiçaram de vez... Você já sabe quando eles vão consertar?

– É difícil saber... O pessoal da companhia entrou todo em greve, exigindo reposição salarial de duzentos por cento, aumentos nos níveis da inflação e demissão de toda a diretoria da empresa. A Companhia diz que está sem verba para cumprir as exigências dos grevistas porque a maioria dos usuários estão com as contas em atraso de mais de três meses. Essa greve vai demorar...

– Está todo mundo sem dinheiro para pagar as contas, também... E pagar por que, se os telefones não funcionam mesmo?...

– É... Não vale à pena esquentar a cabeça com isso não... Os ônibus continuam parados... Ninguém consegue ir trabalhar e os patrões não podem fazer nada, nem descontar os dias parados... Eu soube que a Bayer está mandando buscar os funcionários em casa nos carros da empresa... Mas, Gérard, se você quiser passar o telegrama amanhã, eu posso alugar um táxi...

– Não, amanhã não... Está muito em cima... Semana que vem eu dou uma passada no Correio e mando... Você traz as pedras amanhã... Eu quero ver as pedras primeiro... Amanhã não, domingo... Domingo é melhor... Amanhã vem um pessoal aqui... Sabe como é...

# Apátridas

*À minha mãe e irmãs, e à Manuela.*

Luciano Penelu

---

Luciano Penelu é graduado em Letras com Inglês e mestrando em Literatura e Diversidade Cultural pela Uefs. Publicou em 2010 “Apátridas”, pequeno volume de contos, pela coleção Nova Letra do MAC Feira de Santana.

“A colheita é comum, mas o capinar é sozinho”.

João Guimarães Rosa

## Enchente

### 1.

Em todas as direções vejo apenas o mar escuro. Às vezes penso que a enchente já consumiu o mundo inteiro.

A casa resiste graças ao ingrato ofício que assumi: com uma bacia removo a água que escorre pelas frestas da porta e lanço-a novamente ao mar através da janela. Meu descanso nunca é superior a alguns minutos, pois logo a inundação está nos meus tornozelos, fazendo-me trabalhar ainda mais exaustivamente para amenizar seus efeitos.

Sinto que nunca me dediquei a outra atividade. Nem sei ao menos quando começou tudo isso. Também não sei sobre as outras casas, pessoas, automóveis. Surpreendo-me por conhecer a existência de tais coisas, pois parece que nunca as vi. Memória. Como posso não tê-la? Esta casa me é muito familiar, porém não consigo uma recordação que seja dela. Móveis não existem. O único é aquele armário inacessível, trancado a doze cadeados e envolto em grossas correntes.

Tudo isso me parece irremediável. Corro os olhos em volta e procuro uma saída, mas logo sou tomado por uma crescente angústia. Devo voltar ao trabalho, evitar a inundação. Mas estou cansado. Um cansaço repentino como nunca antes me veio. Tenho que me sentar por pouco que seja.

### 2.

Dormi. Não sei se dou graças ou se me amaldiçôo por ter adormecido sentado. Ao despertar, percebo que a água encontra-se na altura do meu peito. Ponho-me de pé e corro para alcançar a bacia que flutua livremente pela sala. Uma penca de chaves. Uma penca de chaves dentro da bacia. Doze chaves. Doze chaves? Ignoro as águas e vou ao outro cômodo.

Apesar das mãos trêmulas, não levo mais que alguns minutos abrindo os cadeados. Dentro do armário, papéis. Cadernos, diários, fotos. Este aqui só pode ser eu. O reflexo na água escura não me permite ter uma noção exata do meu rosto, mas o que vi é muito semelhante a este sujeito das fotos.

Passsei muito tempo entretido com os papéis. Devo ter lido muitas páginas, mas nada de que me recordasse. Nem as fotografias, as crianças, animais, desconheço todos. De nada me adiantou essa papelada. Algo bloqueia minha mente.

Não havia me dado conta de que as águas retrocederam. Será o fim da enchente? Volto à sala cheio de esperanças. Contudo, a inundação, mais uma vez, já começa a forçar sua passagem pela porta. Preciso da bacia. Vai subir tudo novamente. Não, não preciso de nada. Se a casa tivesse de ser inundada, já estaria sob as águas, e além do mais, já não me importo, para o inferno com tudo isso.

Sento-me à espera de um desfecho. A sala vai submergindo. Estou ligado a um destino incompreensível. Viver ou morrer já não me faz diferença alguma, então, que tudo acabe de uma vez. No entanto, a água não ultrapassou meus ombros. A força que a fazia subir se esvaiu, e ela escoou pela porta sem pressa alguma. Mas o que significará isso?

A morte não veio, mas me sinto bem. Chorar me traz algum ânimo. Debruçado na janela deixo as lágrimas fluírem, enquanto a enxurrada invade a casa, para logo depois recuar novamente. Mais calmo, consigo raciocinar melhor. Penso sobre tudo o que acontece, e algo me diz que as respostas que procuro não estão aqui. Preciso de uma resolução. Decidido, lanço-me ao mar.

### 3.

Venho nadando desde o salto. Faz um bom tempo que a casa desapareceu no horizonte. Não consigo saber quanto, pois não existem dias ou noites aqui. O céu permanece sempre alaranjado como num crepúsculo.

Não vejo o sol, não vejo nada além das águas escuras deste oceano.

## Peregrinação

### 1.

A verdade é que não estávamos chegando a lugar algum. Desde o dia em que partimos – não é possível afirmar quando – o deserto é tudo o que temos. Dunas e baixadas, alguma planície vez ou outra. Caminhamos com dificuldade, pois as areias deixam-se afundar facilmente.

Quando adentramos o deserto éramos cinco, e estávamos cheios de esperanças, afinal o destino era promissor. Foi o ancião de nosso vale que nos indicou o caminho. Dizia que éramos sujeitos especiais e que o vale, onde se levava uma vida amena, não tinha mais nada a oferecer. Vão, exortou-nos, vão, pois a sede que possuem não pode ser saciada aqui, há um mundo de outro feitio além do deserto, onde jovens como vós estão desvendando os mistérios da vida.

E fomos, sob protestos exacerbados de nossos pais.

2.

Não demorou muito para que nos desesperássemos. Ainda nos primeiros momentos da jornada, sentimos que o curso natural das coisas estava abalado. Andamos sem cessar e o sol permaneceu estacionado no firmamento, como estava quando deixamos a aldeia, numa posição que calculamos ser próxima ao meio da tarde. Àquela altura tudo parecia extenuante demais, e rapidamente consumimos todas as nossas provisões. Ao final do que supomos ser o quarto ou quinto dia, já não havia água, e os alimentos minguaram até que nada ficou. Ismael, um dos mais jovens, tomado de pavor, chegou mesmo a chorar. Sentamos ao redor dele, tentamos convencê-lo de que precisávamos prosseguir, pois àquela altura, se tentássemos retornar, padeceríamos da fraqueza que se instalava em nossos corpos muito antes de chegarmos em casa. Conseguimos demovê-lo da ideia e ele concordou em seguir viagem. Temendo o pior, resolvemos imprimir um ritmo acelerado à marcha, que seguiu sem intervalos por um longo trecho.

3.

Eu mesmo, se não me engano, interrompi a caminhada. Já estávamos no mesmo compasso há muito tempo, sem água ou comida, e mesmo assim prosseguíamos. Sondei os companheiros e todos tinham a mesma impressão: caminhávamos há dias, desde nossa última parada e do incidente com Ismael, e permanecíamos firmes. O que aquilo queria dizer? Por que não estávamos mortos? Todos deram de ombros. Eliseu foi o único a apresentar uma sugestão, talvez não precisássemos mais de nada, talvez fôssemos agora como o tempo ou o céu, imutáveis.

Ninguém queria acreditar naquilo, tampouco tentar compreender. Não fizemos comentários, apenas recolocamos as bagagens às costas e seguimos. Parece que terminamos por aceitar aquela condição. Viajamos incessantemente e ninguém reclamava de fome ou sede. Já nem me lembrava de como eram tais sensações. Com o tempo, acabamos deixando para trás as nossas parafernalias. Cobertores para um frio que não chegava, talheres para comida que não havia, tudo foi abandonado, até mesmo as sacolas. Passamos a viajar sem coisa alguma.

Meses ou anos depois (eu ainda me esforçava para calcular o tempo – inutilmente), não nos surpreendemos quando Ismael largou-se repentinamente nas areias. Paramos a caminhada e o observamos um pouco. De cabeça baixa, ele apanhava alguma areia com as mãos, colocava-a em frente aos olhos e deixava que os filetes dos grãos escorressem por entre os dedos. Compreendemos o seu gesto. Ele não prosseguiria. Como não havia mais sentimentalidades, o deixamos para trás.

4.

Éramos quatro. Creio que nenhum de nós possuía ainda esperanças de chegar a lugar algum. Não abandonamos a marcha, mas começamos a nos afastar uns dos outros. Acho que eles, como eu, andam a esmo. Não demorou muito para que eu não conseguisse mais divisar os meus companheiros.

Por vezes eu gostaria de gritar, chorar, amaldiçoar os céus e os infernos, ou mesmo desistir. Mas penso em Ismael, que ficou pelo caminho e que certamente ainda está no mesmo lugar, fazendo a mesma coisa. Penso também no ancião de nossa vila, que agora não deve passar de um amontoado de ossos numa cova imunda, ele e sua sabedoria. Então decido prosseguir. É possível que os outros tenham desistido também, ou que algum deles chegou finalmente em algum lugar, mas não tenho como saber, e não concebo outra saída. É preciso continuar.

# Bela, bela, bela

Sèverine Arnaud

Chamo-me Sèverine Arnaud e sou professora de escola primária, atualmente em uma escola maternal de um bairro de migrantes onde, frequentemente, as jovens crianças chegam à escola sem falar a língua e onde eu gostaria de lhes ensinar a ser “bons alunos”. Dentro e fora de minha atividade profissional, sou atraída pelos textos, todo tipo de textos, aqueles que são para ler, para escrever e às vezes para traduzir, como se as palavras em composição se tornassem enigmas a decifrar.

Chegando ao fim de minha carreira, pois que tenho 56 anos, prometi às pilhas de livros que se formam no meu apartamento, que logo terei tempo de tirar a poeira que os recobre. Vivi e trabalhei alguns anos no Brasil e desde então, trabalho sobre uma definição da palavra “saúde”, que eu gostaria de inserir no meu dicionário pessoal.

Cada passo me parece mais difícil que o precedente. Não sinto mais meus dedos crispados nos meus bastões.

Se me viro, vejo o refúgio onde passei a última noite. Progredi muito pouco e estou bem longe do próximo abrigo que vi no mapa. Vejo os vales verdejantes, as pastagens com animais calmos que pastam sem se preocupar com este humano arfando no caminho. Eles pouco se importam em saber de onde venho e para onde vou e também acho que tampouco eu me importo com isso.

Talvez eu devesse ter alugado uma besta de carga para carregar minha sacola, poderia talvez ter escolhido uma trilha conhecida cheia de peregrinos apressados em direção ao sul. Eu não deveria ter me afastado dos outros, deveria ter ficado com eles, partilhado seus alojamentos.

Sou tão desleixado que me pergunto quais são os programas televisivos desta noite. Preciso descansar, ali, sim, sob a sombra desse pequeno carvalho que não está tão longe.

Mas se me sento não poderei mais me levantar; meu fôlego está curto, não, não curto, mas tênue como se o ar não entrasse mais além da minha boca. Devo continuar até a próxima curva do caminho, ver o que se esconde depois, talvez uma fonte... meu cantil está vazio, um celeiro... onde eu durma... apenas um pouco para ter a força de continuar.

Atinjo a curva do caminho e me endireito, agarrado aos meus bastões, a esperança de ver uma parada que o mapa não teria indicado.

Sim! Uma casa de pedras, parece mais uma choupana. Uma fumaça sai da chaminé e um cachorro late.

Eu me apresso. É doloroso, mas pouco a pouco a distância se reduz e enfim desmorono no banco de pedra perto da porta. Uma velha sai e grita comigo:

– Até que enfim! Como demorou!

Ela é doida além de ser feia e esfarrapada. Ela agita seus braços magros em direção à porta:

– Entre, a sopa está quente!

Apoiado nos meus bastões, eu me levanto e me arrasto para o interior, tão miserável quanto sua ocupante: uma mesa grosseira, um banco, uma chaminé, algumas brasas e um caldeirão.

A velha empurra para mim um prato cheio de um líquido marrom salpicado de pedaços endurecidos. Uma ânsia de vômito... no entanto eu devia estar com fome... não me lembro mais quando fiz minha última refeição.

– Coma! grita a velha.

Mas por que ela me trata de você? Será doida?

– Coma como se fosse sua última refeição, repete a velha.

Tento dissimular meu soluço de nojo em meu lenço e, com horror, percebo que o sujei de sangue, estou com gosto de sangue na boca, vomitei sangue!

– Sua última refeição, gargalha a megera, você não quer?

Balanço a cabeça, quero só me deitar e fechar os olhos por um momento, depois irei embora.

– Senhora, desculpe-me, estou cansado e gostaria de me deitar por umas duas horas antes de retomar meu caminho, posso dormir no banco...

– Idiota! Sua cama está feita, eu disse que estava esperando por você, e você está na sua hora. Vá se deitar, como se fosse seu último sono!

Seus dedos secos agarram meu pulso, me puxam e me levam para o fundo obscuro do cômodo. Uma cama miserável, um cobertor sujo, um fedor mortal. Desabo, mas a velha tem uma força surpreendente, me carrega nos ombros e me coloca na cama. Inclínada, na minha direção, com seus olhos ardentes, sua boca fétida, ela fica me observando... depois pega um balde, emborca-o e senta-se à minha cabeceira. Seu riso repentino e infinito me faz fechar os olhos, me encolho sobre o meu corpo dolorido. Prefiro sofrer por causa do meu corpo que pertencer a ela deste modo. E se ela fosse a morte?

– Pronto! ele está acordando! ei, pessoal, depressa, venham depressa, ele está acordado! ei! Senhor? Senhor!!! tudo bem? está me ouvindo?

Abro os olhos e vejo o rosto jovial de uma garota ruiva, vejo nitidamente as sardas no nariz dela, vejo seus olhos claros, vejo seus cabelos cacheados que brilham ao sol.

Sorriso para ela, creio sorrir para ela, quero sorrir para ela, mas o que ela vê? Não sinto mais o meu corpo, vejo atrás de seu rosto o céu tingido das cores do poente.

– Ah! ainda bem que o senhor tinha amarrado bem a jumenta! ela estava fazendo muito barulho! foi por isso que a gente achou o senhor! ouvindo este animal zurrar como se estivesse perdido... que sorte, não é? pois é muito deserto por aqui! e ainda mais porque não está na época das peregrinações!

Uma jumenta amarrada e perdida? Sorte? Eu não estava com animal algum, apenas vi a velha na sua birosca, vi o sangue no meu lenço...

Sinto suas mãos frescas debaixo da minha cabeça, sinto a água que ela derrama de seu cantil na minha boca, sinto... como esta jovem é fresca e atenciosa, como ela está próxima. Bem sei que a morte é bela.

# A Mal morrida

Zakaria Lingane

---

Pós-graduado em História, com um doutorado em Antropologia-Etnologia, Zakaria Lingane vive em Québec desde 1998. Exerceu a função de coordenado da Fundação da tolerância, uma ONG sócio-educativa voltada para a promoção da diversidade cultural na sociedade quebequense. Ele é também autor de vários artigos em revistas, publicações educativas e obras de ficção literária.

Senhora diretora da Comissão,

Começo esta carta para a Senhora. É a forma de contar minha história sem chorar na sua frente. Vou fazer o melhor que puder, na sua língua que é também a língua dos alfabetizados do meu antigo país. Minha língua de origem economiza as palavras e as entoa de outro modo. Talvez a Senhora pensasse que eu falo como se tivesse amendoins sacudidos num cesto. Queira me desculpar por isso.

A verdade é que eu, Angelina Sanwi, estou morta. Que um raio me fulmine, se estiver mentindo. Mas sou uma mal morrida. As feiticeiras e os mortos não soltam ar na sua respiração, não é? Pois bem, que me tragam um espelho que nele depositarei meu bafo de viva. Receba-me em seu escritório e mostrarei para a Senhora que posso me mexer, gritar, sofrer. A senhora verá que sou uma morta que teima em reaparecer. Vou lhe dizer por quê.

Comecemos por de onde venho. Da costa africana. Uma faixa de terra. Um vilarejo do oeste. Eu tinha apenas quase nada: um horrível barracão de tábuas recoberto de zinco, uma birosca onde vendia peixe defumado. Eu vivia com pouco.

Antes de chegar aqui, tive homens, começando por dois maridos, segundo o costume. Por um arranjo familiar, se a Senhora preferir.

Com o primeiro, cinco anos de esterilidade no leito conjugal, sob o olhar acusador. Ele disse que eu era tão árida quanto a argila com sede de chuva! Fui ver um curandeiro. Negocii com ele. Para que meu ventre fizesse crescer a semente de meu homem, ele me deu cataplasmas, unguentos, infusões, pós, fumaças que purificam, banhos rituais, bálsamos, lavagens, amuletos... Tudo foi contrário à minha cura. Fui repudiada!

O seguinte me julgou digna de um dote de seis cabras e três garrafas de gim. Negócio fechado; tornei-me sua esposa. Por precaução, participei de uma cerimônia de fecundidade. Falei até me cansar com todos os *avuluka*<sup>1</sup>, pedindo para ficar livre de minha secura. Deitei-me perto de um cabrito para fazer passar para o corpo dele o mau espírito que habitava no meu. O animal foi sacrificado, sem misericórdia. Apesar da farmacopeia e das numerosas oferendas, o *avuluka* continuou malvadamente amarrado ao meu tronco como a seiva fiel ao

---

<sup>1</sup> Espíritos perturbadores

*kaporo*<sup>2</sup>. O que fez com que o último marido também acabasse partindo, por causa de meu ventre rochoso que se recusava ao menor inchaço.

As crianças, Senhora diretora, são feitas para nascer. Esperam que nós glorifiquemos sua passagem, o tempo de uma travessia, para vir estar entre os humanos. São como o sol e a chuva. O sol reaquece nossos corações, a invernada ajuda nossas colheitas. Uma progenitura deve vir alegrar nossas vidas, dar pequenas preocupações, depois cuidar de nós quando ficamos velhos. Minha família tinha pena de mim porque eu não engravidava. Felizmente meu pai, que seguia a tradição, não estava mais lá para se desesperar.

Durante anos ainda, acolhi em minha cama todos os touros disponíveis, jovens e velhos, preguiçosos e aproveitadores, na maioria. Muitos fizeram a coisa rápido antes de desaparecerem. Nunca pude ser fertilizada. Acabei compreendendo que eu não tinha mais futuro na minha terra. Lá, uma mulher é avaliada no mesmo critério que as cabras e as vacas. Vacas, nós o somos para nosso vestuário, para o leite e o trabalho, para os bezerros que damos, ou para o abatedouro, se cessamos de produzir com nossa carne.

Todas essas razões fizeram com que eu partisse. Não vou contar em detalhes para a senhora o que tive que superar antes de vir para Montreal. A senhora não ficaria surpresa se eu dissesse que cheguei em um estado lamentável, sem bagagem, sem dinheiro. No aeroporto, declarei que era refugiada. Foi o que me haviam recomendado fazer. Expliquei que fugi de meu país depois de um casamento forçado com um homem violento que já possuía duas esposas vivas. É uma boa razão, pois a poligamia não é bem vista aqui, a senhora sabe disso. Bom, eu menti, mas o que a senhora teria feito no meu lugar?

A senhora deve conhecer Ève-Marie. Ela trabalha na Associação Cristã dos Moços. Foi ela que me ajudou na continuidade dos meus procedimentos junto ao serviço de imigração. Repeti para o senhor juiz da Comissão de imigração e do Estatuto de refugiado tudo o que eu havia dito no aeroporto. Ele me deixou ficar no meu novo país cheio de branco, o inverno. Tenho agora um passaporte com a palavra Canadá escrita em letras douradas. Faz sete anos que estou aqui.

Trabalhei numa fábrica de confecções. Costurava enxovais de bebê de boa qualidade. Via ali meu destino. Algo para me vingar do espírito mau que secava meu ventre. Mandei pijamas para meu antigo vilarejo, para umas primas grávidas. Recebi fotos de bebês rechonchudos, de olhos brilhantes. Estava satisfeita com minha nova vida.

Sou corajosa, trabalhadora. Tudo ia muito bem. Sei que os vivos caminham para a morte e que é preciso por em ordem suas coisas antes de partir, mas, nesse caso, como eu poderia? Uma morte súbita me levou há algumas semanas. Fui retirada do mundo dos vivos, sem preparação. Estou oficialmente morta. Não existo mais. Sou uma defunta. Não estou mais no mundo da Senhora. Foi meu patrão quem me disse.

Debulhamos nossos mortos como os grãos de milho que são retirados da espiga e, como todos esses grãos, chegamos ao mundo ignorando os outros nascimentos. Desde que caminho entre o mundo dos vivos e o dos mortos, Senhora diretora, o vazio em torno me dá medo. Eu vivia ao lado de vizinhos, rodeada de bancos, de lojas, de pessoas que eu não conhecia, de gritos, de ônibus, de lojas de conveniência, de odores, de perfumes, de

---

<sup>2</sup> Espécie de alga marinha

preocupações, de cartas enviadas pelo governo e pela companhia de telefone. E hoje, preciso desaprender a vida.

A senhora me dirá que os mortos não têm que reaparecer, que não devem deixar o seu mundo de sombras. Não devem vir atrapalhar as tristezas de seus próximos, nem as dos outros vivos, todos os que existem legalmente, os que, contrariamente a mim, não figuram ainda na menção “falecido” ou “nosso saudoso”. Não, não estou enganada, estou morta, está escrito preto no branco! Que pecado mortal cometeu então minha família para que, pela graça do mistério infinito do Eterno, eu tenha agora que expiar? Meu Deus! Meu Deus! Se ao menos, Senhora diretora, eu tivesse podido sentir que meus dias estavam contados, se eu tivesse ficado moribunda, se eu tivesse tido menos vida... Eu lhe garanto que teria preferido uma vida pela metade a essa morte.

Por que isso aconteceu comigo agora? No momento em que eu tinha um país que o mundo inteiro podia localizar sem dificuldade em um mapa! Não como o meu antigo, que tem um nome que se parece com o de uma marca de café e do qual quase ninguém ouviu falar. Não, aqui, eu tinha um país de verdade! Com uma bandeira, políticos eleitos democraticamente, funcionários que não pedem nenhum tostão pelos seus serviços, policiais honestos. Um país que me dava um bom trabalho, um apartamentozinho confortável com água na torneira, uma geladeira na garantia, uma televisão a cores com muitos canais, um telefone para ligar para quem eu quisesse, ônibus na porta, lojas onde eu podia entrar, só para olhar.

Eu mentiria se dissesse que nunca senti falta de minha terra natal. Mas evitei a saudade que perturba me lembrando dos olhares que se enchem de receio quando mencionamos nosso presidente vitalício, as favelas, as escolas sem carteiras, os funcionários arrogantes, as costas curvadas, os estupros, o banditismo, as crianças levadas pelas febres como flores de mangueira arrancadas pela tempestade... Eu nunca trocaria meu novo país pelo antigo!

Quero lhe contar a minha história, mas me atrapalho. Tudo o que aconteceu comigo está em desordem em minha cabeça. Perdoe-me, Senhora diretora, vou direto ao assunto. Estou morta, é o que me disseram. Na vida real, não existo mais.

Só soube do um meu desencarne há três dias. Meu patrão me explicou que eu não podia mais costurar enxovais. Meu Deus, como eu gostava desse trabalho! Sete dólares e meio por hora e restituição de imposto de renda! Bem mais do que eu poderia esperar na minha terra. Eu ganhava minha vida melhor que um professor de lá, eu que não tenho nem mesmo um certificado de estudos primários. Eu tinha tudo para ficar bem, até festas e casamentos na casa de minhas amigas africanas, haitianas ou gregas. Há mulheres do mundo inteiro na manufatura, como na ONU!

E eis essa boa vida dispensada! Escrevo-lhe o ocorrido como se a senhora tivesse estado lá, no pequeno escritório do Senhor Goldstein.

– Senhora Sanwi, a senhora não pode mais vir ao trabalho.

– Por quê? Que foi que eu fiz para ser mandada embora? Sou uma operária trabalhadeira, conscienciosa, obediente...

– Não é este o problema. Acabo de receber uma carta da Previdência me pedindo para preencher um formulário porque a senhora morreu em 12 de fevereiro.

– Como assim, morta? O senhor não está vendo que estou viva?

– Telefonei para dizer que é um erro, que a senhora veio ao trabalho essa manhã, assim como ontem e nos dias anteriores. Senhora Sanwi, se a senhora está morta, não sei como pode estar aqui! Mas já tenho bastante problemas de papelada como essa, com o governo, por isso entenda-se com os funcionários da Previdência e volte para me ver, viva!

Sou uma viva não viva no papel. Minha morte é uma certeza legal. Tenho meu atestado de óbito em nome de Angelina Sanwi, meu nome, antiga residente da rua Bélanger Est, 2102, apartamento 2. Morri na segunda-feira, 12 de fevereiro de 2001, às 13 horas e 13 minutos, em consequência de um acidente operatório. Não existo mais: nem plano de saúde, nem seguridade social, nem passaporte, nem trabalho. A conta bancária bloqueada. Riscada de uma hora pra outra!

Não ignoro as dificuldades e o peso que, morta de retorno inadvertido, eu represento. O dever é mais leve que a pena da galinha-d'angola, mas bem mais pesado que a montanha. Estou pronta para reconhecer meus erros. Admitirei que sou culpada, mas não responsável. Pois para todo pecado sempre existe perdão, como se diz nessa religião que é a minha sem que eu a tenha escolhido. Acredito que é a senhora que detém a competência no que concerne à defesa de uma pobre mulher como eu, precipitadamente expulsa do mundo dos vivos. Quero me desculpar da morte e reaparecer bem viva. Quero pegar de novo o ônibus 100 Oeste, dizer bom dia ao Senhor Goldstein, costurar meus enxovais, digitar minha senha no caixa eletrônico sem ter meu dinheiro recusado.

Senhora diretora, devo ser punida, não por um crime, mas por um dever familiar? Veja a senhora, eu, Angelina Sanwi, estou morta por fraternidade, mesmo se foi em vão. Todos os dias, choro minha própria morte. Não exatamente a minha, mas quase. Eu era duas existências, e agora estou sozinha com a única vida de Euphrosima e seu visto turístico vencido. É a verdade!

Lá na minha terra, minha irmã estava prenha de doze semanas. Preocupada, foi fazer um exame de gravidez no hospital. O médico lhe disse que ela estava grávida de uma massa de carne que não era uma criança. Era um fibroma que crescia e acabaria sufocando suas entranhas e sua respiração. Mesmo que fosse a carne de sua carne, era absolutamente necessário suprimi-la. Era preciso abrir seu ventre para retirar esse não-bebê que a inchava. Somente um curandeiro assistido pelas melhores máquinas, um médico branco, podia salvar Euphrosima. Senhora diretora, meus problemas começaram ali. Encarnação dos *avuluka*, esse bebê-fibroma, esse quase humano nos jogou mau olhado.

A operação era perigosa e custosa. Minha irmã arriscava não poder mais ter filhos. Não ter mais filhos! Imagine a desgraça! Nossa família era estranha por ser pequena. Meu pai, que sua alma descansa em paz, sofreu muito por causa do sucesso pela metade dele. Os vizinhos e a grande família comentavam que com três filhas de um primeiro casamento, ele precisava arranjar uma mulher mais viril. Talvez, com outra, ele pudesse ter machos que conservariam a memória da passagem dele na terra!

Entre nós, um homem sem descendência feita de ao menos um menino é apenas um meio homem. Mulheres com ventres prontos para produzir machos foram apresentadas ao meu pai. Convertido por aquele que morreu na cruz, ele resistiu aos arranjos, como uma vítima. Minha mãe nunca teve concorrência. Apesar dos esforços deles, nenhum filho macho iluminou o círculo de família. Meu pai morreu antes da hora. Cresci rodeada por três

mulheres. Que pena! A desgraça que nos perseguia arrancou minha irmã caçula de nossa alegria: uma febre forte, doze anos de vida transformados em carne fria. Sou a mais velha e fiz o luto de um ventre fecundo há muitos anos. Então, imagine o meu estado quando chegou a vez de minha irmã Euphrosima ficar ameaçada! Uma morte, um ventre árido, um bebê-fibroma, uma mãe viúva na menopausa, é mais que uma desgraça! Minha família de mulheres iria desaparecer nessa vergonha? Minha irmã restava como a última chance de reprodução.

Senhora diretora, minha morte começou ali. Esse não-bebê me condenou. Recebi cartas e mais cartas do meu país e quase o mesmo tanto de telefonemas desesperados. Minha mãe, tios, tias, primas, todos me confiavam seus cantos de desespero sobre o destino de Euphrosima. Depois, uma carta urgente chegou, dizendo que ela ia morrer em breve por causa de sua não-gravidez. Minha irmã! morrer!

A família, para nós, é sagrada. Se eu não fizesse nada, como a Senhora queria que eu pudesse em seguida ficar de luto? Eu pensava na tristeza de meu pai, já no além. Eu imaginava minha mãe, encurvada pelo sofrimento que a transformaria prematuramente em jovem anciã. Eu via os trinta e quatro anos de minha irmã que corria o risco de esfriar-se para sempre. Eu colocava para tocar sem parar sua voz desesperada, gravada na minha secretária eletrônica.

Todas as mensagens me diziam: “Você está em uma terra de Brancos. Nós temos a ciência dos mortos, mas eles têm a ciência dos vivos. Eles conseguem fazer a morte esperar.” Ah! meu coração me batucava censuras como o tam-tam *aburukuma*<sup>3</sup> que anuncia o falecimento. Fui olhar então o que eu tinha economizado.

Com minhas pequenas necessidades, eu comia pouco. Fazia economia indo domingo ao Dollarama e ao pequeno circuito dos frangos a dois dólares em Saint-Laurent, comprava arroz quebrado, ao quilo, na mercearia cingalesa de Parc-Extension, me contentava com frutas e legumes não muito frescos do *Chez Zani Fruits*, no mercado Jean Talon, procurava objetos usados para comprar nas vendas de garagem, no bazar da igreja Saint-Eustache, na loja Renaissance da rua De Castelnau. Como diz minha amiga haitiana, Marie-Flore, a cruz dos pobres é tão carcomida que se desfaz antes mesmo de ser carregada no ombro. Mesmo assim, embora guardasse um pouco na poupança, em caso de eventual necessidade, eu ainda podia enviar dinheiro à minha terra.

Saquei um pouco das minhas economias e mandei dinheiro para minha irmã, para o passaporte dela. A embaixada lhe deu um visto de dois meses para ela vir me visitar. Foi preciso também que eu pagasse a sua passagem de avião. Felizmente, consegui o nome de uma agência de viagens para imigrantes que tinha preços mais baixos.

Euphrosima desceu em Mirabel no início de janeiro. Fazia oito anos que eu não a via. Eu a apertei com força nos meus braços, tanto que eu me sentia triste. Ela tinha engordado. Sua barriga despontava, enorme, no centro de seu *boubou*<sup>4</sup>. Eu a cobri com um bom casaco que eu tinha comprado, providentemente, na loja do Exército da Salvação, na Plaza Saint-Hubert. A senhora sabe tanto quanto eu, Senhora diretora, que o inverno, no Quebec, é inimaginável! É uma dor mais picante que a do espinhoso *razinga* que atravessa a gente de um lado ao outro.

---

<sup>3</sup> Tambor em forma de garrafa originário de Gana.

<sup>4</sup> Embora varie de acordo com as tradições locais, o boubou é uma vestimenta utilizada tanto por homens quanto por mulheres, em grande parte da África.

Nos dias seguintes, fez menos frio. Aproveitei para mostrar a cidade para minha irmã. A autoestrada Metropolitana, a ponte Jacques-Cartier, o Parque Olímpico, as feiras livres e muitos outros lugares ainda. Era como uma miragem para Euphrosima. Ela me invejava ao ponto de se esquecer de sua não-gravidez. Ela parecia já curada. Eu estava contente por tê-la feito vir, mesmo ela me pedindo todo dia para que eu deixasse ela ficar comigo. Ela estava pronta a sacrificar o marido dela para se tornar também costureira na manufatura. Eu a lembrava de sua missão, em nome dos Sanwi. Ela era a nossa última chance de assegurar a sobrevivência de nossa linhagem nesta terra.

Antes da chegada dela, eu tinha marcado uma consulta para mim com um médico. Euphrosima e Angelina, Angelina e Euphrosima, éramos feitas da mesma carne. Onde estava o problema? Eu era a irmã dela, ela era minha irmã. Nosso pai e nossa mãe nos amavam da mesma maneira. Talvez fosse por isso que nós nos parecíamos tanto fisicamente, como duas folhas da palmeira palmira. O mesmo rosto, apesar de nossos três anos de diferença. Eu olhava a minha foto na minha carteira do seguro saúde e via Euphrosima. Eu tinha escolha? Ia deixá-la morrer? Deixar desaparecer nosso sangue?

Depois dos exames, o doutor prometeu retirar esse mau bebê que sugava a energia das entranhas. Ele disse que tudo iria ficar bem. Entrei no hospital, otimista.

Se você anda rápido, você atrai o azar, se você vai lentamente, é o azar que pega você. O doutor Gagnon veio falar comigo na sala de espera, com sua tez de frango recém abatido. Ele me explicou que o fibroma tinha me levado na mesa de operação. Eu não acordaria nunca mais.

Chorei a tarde inteira do dia 12 de fevereiro de 2001 e a noite toda. Eu via um rio de sangue escorrer do meu ventre.

Infelizmente, adiar a morte não tinha funcionado dessa vez. O homem-medicina não soube desarmar o mau olhado dos *avuluka*. Eu deveria tê-lo prevenido antes que ele desse sua picada de falso sono. Ter dito a ele que ele devia jogar leite coalhado na minha barriga doente, para desalojar o espírito hostil. Mas nós somos de dois mundos e ele não teria me escutado. E agora, é tarde demais, estou morta.

O que me esperava depois do choque da carne fria? Eu não sabia como morrer no meu novo país. Minha amiga Iona me explicou sobre os acertos com a funerária, o atestado de óbito e o cheque de ajuda do governo. Ela é grega. Ela tinha perdido a mãe três meses antes. O senhor da funerária Dallaire, com seu catálogo, falava, falava... de embalsamento, de inumação, de cremação, de columbário, de carvalho, de pinho, de compensado, de papel cartão, de flores, de arbustos, de covas, de urnas, de transporte para fora do Canadá e não sei mais do quê. Por que tudo isso, se é para ir para o céu?

Mesmo se a incineração vai contra os nossos costumes, aceitei ser queimada como o *névê* nas casas da minha terra. Certamente, nossos ancestrais ficariam zangados, mas não me restava dinheiro suficiente para fazer de outro jeito. Um pedaço de terra para o repouso

---

<sup>5</sup> Neste caso, trata-se de uma árvore, de grãos comestíveis, da família das *Mimosaceae*, ou das *Fabaceae* segundo a classificação filogenética.

eterno é caro demais, aqui. Ao menos pude conseguir que, antes de terminar no fogo dos humanos, meu cadáver fosse recoberto com uma mortalha branca, a cor do luto para nós.

Em seguida, esqueci que estava morta e voltei para trabalhar na manufatura. Continuei assim, engolindo meu sofrimento, até a manhã em que o Senhor Goldstein me lembrou de que eu estava oficialmente morta.

Disseram para mim que não havia na cidade um confessorário melhor que o da Senhora. Peço a sua compreensão. Falaram para mim da sua empatia e de sua política de clemência. Disseram que a Senhora examina os documentos com muita atenção, que sua Comissão dos direitos da pessoa é versada nas sutilezas processuais. A Senhora é uma mulher. E eu, também, sou. Nós sabemos que em todas as coisas, as mulheres são secundárias. A Senhora que é uma mulher acima das mulheres, desminta essa verdade. É nessa esperança que lhe escrevo tão longamente. Não há mais nada a fazer pela linhagem dos Sanwi. Ela não foi salva e vai desaparecer. Só há minha existência que resta à Senhora resolver.

Eu lhe peço, Senhora Diretora, que aceite as minhas mais distintas saudações e os meus sinceros agradecimentos por minha reaparição entre os vivos.

Angelina Sanwi.